

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

TERENA THOMASSIM GUIMARÃES

REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM A *CONFISSÃO DA LEOA*

PORTO ALEGRE

2013

TERENA THOMASSIM GUIMARÃES

REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *A CONFISSÃO DA LEOA*

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Professora Doutora Jane Fraga Tutikian

PORTO ALEGRE

2013

TERENA THOMASSIM GUIMARÃES

REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM *A CONFISSÃO DA LEOA*

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian (orientadora)

---

Prof. Me. Gustavo Henrique Rückert

---

Profa. Ma. Neiva Kampff Garcia

Conceito:

Porto Alegre, 19 de dezembro de 2013

## AGRADECIMENTOS

Nunca estamos sozinhos. Qualquer ação, momento, pensamento é compartilhado com muitas pessoas. O processo de pesquisa e escrita deste trabalho não poderia ser diferente. São muitas as vozes presentes, implicitamente, nestas páginas que seguem. A todas elas, só me resta agradecer.

Aos meus pais, Renato e Leila. Começo por eles, pois são o início de tudo. Deram-me a vida, amor sem limite, carinho em todas as situações. Compreenderam a fase pela qual estava passando, apoiando-me e dando-me forças. Agradeço de coração todo o empenho e dedicação.

Às minhas irmãs, Tainá e Naiara. Meu sincero muito obrigada por cada segundo compartilhado, por entenderem meus momentos distantes e sempre ficarem ao meu lado. Amo vocês!

À toda minha família, que não é pequena, pelo incentivo e paciência.

A todos os meus amigos, que fizeram meus momentos muito mais alegres. Ter pessoas tão especiais que escolhemos para compartilhar a vida é muito importante. Agradeço por cada lembrança que sempre ficará guardada. Um muito obrigada mais que especial para minha amiga Luana Trindade, que já dividiu comigo muitas etapas, e que com certeza continuará a fazer parte de minha vida. Outro agradecimento especial vai para o Matheus Mignoni, que está sempre ao meu lado, dando apoio, ensinando-me e pedindo para ter calma.

Aos meus amigos e colegas da faculdade, pelos trabalhos em grupo, conversas no Antônio, situações que me ajudaram a crescer como estudante e como pessoa. Em especial a Débora Guedes, pelas inúmeras risadas, Gabriela Leal, pelo carinho e atenção constantes, e Diógenes Armani. Não posso esquecer a Cecília, que tem alegrado demais meus últimos meses.

A todos professores que me ajudaram nessa caminhada de 5 anos no curso de Letras. Um agradecimento especial à professora Jane Tutikian, orientadora desta monografia, por me apresentar a um novo mundo que me encantou tanto, a literatura africana, e pelo crescimento que tive trabalhando ao seu lado. Este trabalho está pronto hoje por sua generosa orientação e ajuda.

Cada um de vocês, da sua maneira, foi importante nesta etapa. Muito Obrigada!

*“Escrever não é como caçar. É preciso muito mais coragem. Abrir o peito assim, expor-me sem arma, sem defesa...”*

*“A vida é a espera do que pode ser vivido.”*

(A Confissão da Leoa – Mia Couto)

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar as diferentes representações da mulher ao longo do romance *A Confissão da Leoa*, de Mia Couto. O livro conta a história de ataques de leões que ocorreram em Kulumani, presenciados pelo próprio autor. O trabalho consistiu na localização e recolha dos diferentes momentos em que a vida feminina era o foco. Partindo desse material, analisou-se os motivos e repercussões de tais imagens. Primeiramente buscou-se tratar de elementos importantes da história de Moçambique, por entender que é uma parte importante para compreender o livro e a literatura como um todo. Depois se centrou na situação da mulher no país, percebendo como ela é vista pela tradição e costumes. Encerra o trabalho a análise propriamente dita das representações retiradas da obra. Pode-se concluir que muitos dos relatos presentes em *A Confissão da Leoa* relacionam-se à forma como a mulher tradicionalmente era vista e tratada, sendo poucos os momentos que mostram alguma mudança nesse paradigma.

Palavras-chave: Mulher. Mia Couto. *A Confissão da Leoa*. Tradição. Moçambique.

## ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze different representations of women throughout the novel *A Confissão da Leoa*, by Mia Couto. The book tells the story of lion attacks which happened in Kulumani, witnessed by the author. The work consisted in finding and selecting different moments in which the feminine life was the focus. From this material, the reasons and the repercussion of these images were analyzed. Firstly, there was a preoccupation with important elements of Moçambique's history, for its importance in understanding the book and literature as a whole. Then, the work was centered in the situation of women in the country, perceiving the way they are seen by tradition and customs. The analysis of the representations taken from the book closes the paper. It is possible to conclude that many of the tales in *A Confissão da Leoa* are related to the way women were traditionally seen and treated, few being the moments which show any change in this paradigm.

Keywords: Women. Mia Couto. *A Confissão da Leoa*. Tradition. Moçambique.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 MOÇAMBIQUE – COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>3 SITUAÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE.....</b>	<b>21</b>
3.1 Surgimento do mundo .....	21
3.2 Mulher na sociedade tradicional.....	22
3.3 Mulher no período colonial .....	25
3.4 Mulher na luta de libertação nacional.....	27
3.5 Mulher em Moçambique independente .....	29
3.6 Mulher hoje: dados e expectativas.....	31
<b>4 MULHER EM A <i>CONFISSÃO DA LEOA</i> .....</b>	<b>33</b>
4.1. Uma história: duas visões que se completam .....	35
4.2 Visão positiva da mulher .....	42
4.3 Vida sofrida da mulher .....	45
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*A Confissão da Leoa* é um livro sobre a condição da mulher. Compreender o papel desempenhado pela mulher na literatura sempre foi de extrema importância, na medida em que acaba por representar a forma como ela é vista na sociedade em geral. Nesta perspectiva, trabalhos que estudem sua representação em obras são fundamentais, porque ao percebendo dentro do universo literário, pode-se ter acesso à sua realidade fora dele.

*A Confissão da Leoa* é uma tentativa de Mia Couto de colocar essa temática em evidência. Foi publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2012. O autor retrata a condição histórica e social das mulheres rurais em Moçambique. Baseando-se em um fato presenciado por ele, ataques de leões no norte de Moçambique, criou um romance que denuncia o sistema de patriarcado, que condena as mulheres a uma situação de submissão. Narrado em primeira pessoa por duas personagens, Mariamar e Arcanjo Baleiro, o livro mostra a vida sofrida que a mulher precisa enfrentar todos os dias. A prosa poética e a recriação da linguagem estão presentes neste livro também.

A origem deste trabalho está em um interesse pessoal pelo tema da mulher. Ao realizar a leitura de algum livro, sempre há algum assunto que mais chama a atenção. Este é o meu. É um prazer, e ao mesmo tempo um enorme desafio, desenvolver essa temática, ainda mais a relacionando ao universo africano. Após a leitura de *A Confissão da Leoa*, decidi-se que esse tema iria ser o foco do Trabalho de Conclusão de Curso.

Este trabalho é fruto de um período de cinco anos de graduação, em que o contato com a literatura africana (já pelo meio do curso) foi uma grande surpresa. Estudar um autor de tamanha importância, como Mia Couto, é uma grande responsabilidade. Até porque são inúmeros os estudos sobre sua obra. Buscou-se tratar de uma temática até então pouco relacionada a seus romances para que possa ser uma abertura para novos trabalhos e olhares.

António Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, nasceu em 5 de julho de 1955 na cidade de Beira, província de Sofala, em Moçambique. Em 1971, ao mudar-se para a cidade Lourenço Marques, o então estudante de medicina entra em contato com a ideologia da FRELIMO, que passa a seguir até o período pós-independência. Abandona o curso e começa a escrever em jornais.

Seu primeiro livro, *Raiz de orvalho*, data de 1983. Forma-se em biologia. Trabalha como biólogo e escritor. Tem diversas obras publicadas de poesia, contos, crônicas, romances, ensaios. Seus livros foram publicados em mais de 20 países, sendo traduzidos para várias

línguas. O romance *Terra Sonâmbula* é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. É ganhador de diversos prêmios literários, entre eles o Prêmio Camões 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

De maneira geral, o autor retrata em sua obra Moçambique, buscando uma identidade ainda em construção. É recorrente a representação da história e da realidade do país, com seus mitos, lendas, a criatividade no uso da linguagem, no uso de uma prosa poética.

A situação da mulher na África é fortemente relacionada à cultura, que tradicionalmente trata-a como inferior, deixando-a subjugada. Por isso, para entender melhor sua posição, é imprescindível perceber seu papel ao longo da história, para ver como o presente se relaciona com o passado.

Nesse sentido, o primeiro capítulo deste trabalho buscará tratar de aspectos relevantes da história de Moçambique, como ocorreu sua colonização e descolonização. Para tal análise histórica, utilizar-se-á teóricos como: Regina Zilberman, Jane Tutikian, Benjamin Abdala Junior, Pires Laranjeira, Manuel Ferreira, entre outros, que, ao pesquisarem a literatura africana, trazem elementos importantes da história dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP.

Após este apanhado histórico, pretende-se perceber qual a situação da mulher no país, analisando como ela foi vista e tratada ao longo do tempo. Para abordar o momento atual, destacam-se dados que representam a vida feminina (educação, saúde). Na bibliografia específica da mulher destacam-se Barbara Isaacman e June Stephan, com seu estudo sobre a mulher moçambicana organizado logo depois da independência do país, e, ainda, Samora Machel.

Barbara Isaacman e June Stephan realizaram um estudo para as Nações Unidas intitulado *Moçambique: a mulher, a lei e a reforma agrária*. Em 1982, o conteúdo sofreu algumas modificações e foi publicado em forma de livro, como parte dos trabalhos preparatórios para a Conferência Extraordinária da Organização da Mulher Moçambicana (OMM).

Samora Machel, presidente da FRELIMO e depois primeiro presidente da República Popular de Moçambique, realizou o discurso de abertura da Conferência das Mulheres Moçambicanas, ainda durante a luta de libertação nacional. Seu texto, *A Libertação da Mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu*

*triunfo*, é um material importante de pesquisa, compreendo a forte marcação ideológica, necessária naquela época.

Por fim, analisando em detalhe a obra em estudo, buscar-se-á ver todas as representações femininas presentes, tentando compreender quais seus motivos, explicações dentro da obra, assim como relacionando com diversos teóricos. Neste capítulo, dar-se-á uma ênfase maior a documentos da Organização Mundial da Saúde, que tratam de temas significativos para o estudo.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar as diferentes representações da mulher em *A Confissão da Leoa*, e perceber qual sua relação com a condição feminina na realidade.

## 2 MOÇAMBIQUE – COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO

Moçambique, oficialmente República de Moçambique, é um país africano situado na costa sudeste. Limita-se ao norte com a República da Tanzânia, a noroeste com o Malawi e a Zâmbia, a oeste com o Zimbabwe e a República da África do Sul, e a sul com a Suazilândia e ainda a África do Sul. Toda a faixa leste é banhada pelo Oceano Índico. Possui uma área aproximada de 799.380 km<sup>2</sup> e uma população de 24,5 milhões de pessoas (PNUD, 2013). O país é dividido em 11 províncias, contando a capital Cidade de Maputo, que possui o estatuto de província.

O nome Moçambique vem do grego “Muça”, que significa Moisés, em referência ao filho de um pirata árabe que dominava a região, e “miliki”, que representa rei. O vocábulo português Moçambique data do século XVI, e fazia referência à Ilha de Moçambique, que foi a primeira capital do país.

A situação lingüística moçambicana não é muito diferente da dos demais países africanos de língua portuguesa. Além do português, considerado a língua oficial, há muitas outras línguas faladas em Moçambique, todas pertencentes ao grupo bantu, além de algumas línguas asiáticas.

Segundo Armando Jorge Lopes (2006, p. 35), “a língua com o maior número de falantes é o Emakhuwa, que corresponde a 25% da população total do país”. Mesmo depois da independência, o português permaneceu como língua oficial, deixando as demais como línguas nacionais. Lopes (2006) questiona essa atitude, na medida em que para uma língua permanecer ela deve ter o caráter de oficial, pois só assim todos terão acesso desde o ensino primário e deverão aprendê-la para utilizá-la em diversas situações administrativas do dia a dia. A maioria da população moçambicana não tem o português como língua materna, e sim as diversas línguas bantu,

Quanto ao português, língua oficial do país, é o meio de comunicação utilizado nas áreas da administração e educação, e tem sido classificada como o símbolo da unidade nacional. Os falantes do português como língua materna representam 3% da população total e constituem uma percentagem considerável (17,7%) do número de falantes na capital, a Cidade de Maputo. No país, mais de 90% de falantes do português como língua materna são urbanos, enquanto que a esmagadora maioria dos falantes de línguas bantu como línguas maternas vive no campo. (LOPES, 2006, p.37)

Acredita-se que o povoamento humano em Moçambique date do período paleolítico. Eram bosquímanos caçadores e coletores. Com a chegada dos povos Bantus (mais ou menos

300 d.C.), os povos primitivos foram forçados a se retirar para áreas mais pobres em recursos. Os Bantus eram guerreiros, agricultores e mais desenvolvidos, já que conheciam o ferro.

A partir do século X, instauram-se feitorias árabes no litoral do país. Esses entrepostos comerciais serviam para a troca de mercadorias, como ouro, cobre, marfim, ferro, vindas do interior, por artigos de várias origens. Surgiram cidades dominadas por comerciantes árabes e por bantus arabizados ou islamizados. Essa região da África oriental era bem importante, na medida em que ficava entre Portugal e as Índias.

Em 1498, o país foi descoberto pelos portugueses por Vasco da Gama, iniciando, portanto, o domínio português na colônia. O homem buscou uma aliança com o rei de Melinde, encontro inclusive representado por Camões em *Os Lusíadas*. Inicialmente a penetração ocorria somente para pegar ouro, e a fixação se deu apenas no litoral. Construíram fortalezas em Sofala (1505) e na Ilha de Moçambique (1507). Só depois os portugueses começaram a fazer investidas militares, juntamente com atividades missionárias, para o interior, onde estabeleceram feitorias. O motivo principal dessas instalações era dominar as regiões que davam acesso ao ouro.

Regina Zilberman (2012), em seu artigo *Duas viagens, um destino, Moçambique*, relata duas viagens realizadas até o recente território português conquistado que não tiveram êxito. O primeiro caso relatado é do naufrágio de galeão São João, em 24 de junho de 1552, próximo à fronteira de Moçambique. A maior parte da tripulação conseguiu chegar à terra firme, incluindo o capitão Manuel de Sousa Sepúlveda, sua esposa, Leonor de Sá, e seus dois filhos. Porém, ao realizar a travessia por parte do continente africano, todos acabam morrendo. Este naufrágio foi tema de muitas narrativas e poemas, já que o risco de naufrágios era uma realidade durante a época dos descobrimentos, entre eles está Camões (no canto V de *Os Lusíadas*) e Jerônimo Corte Real (no poema *Naufrágio e Lastimoso Sucesso da Perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda e Dona Leonor De Sá Sua Mulher*). A segunda viagem tem caráter de catequese e foi realizada por D. Gonçalo da Silveira, padre da Companhia de Jesus, que decidiu fazer seu trabalho ao longo das terras situadas junto ao rio Zambeze (que vai de Moçambique até o Zimbábue). Mesmo depois de ter convertido o imperador, ele é acusado de feitiçaria e, em 15 de março de 1561, é morto, sendo seu corpo lançado no rio. Essa história também foi tema na literatura, com Camões e Mia Couto, em *O outro pé da sereia*. Nas duas viagens, os moçambicanos são visto como cafres, que era como os árabes chamavam os africanos, sendo considerados infiéis, mas também representa pessoas ignorantes, bárbaras e rudes. Portanto, esses dois casos,

aproximam-se, quando flagram um processo comum, peculiar à história de Moçambique, em particular, e da África, de modo amplo. Eis porque as duas viagens chegam a um mesmo destino, narrando uma história de origens, não por dar conta de uma fundação, mas por revelar o fracasso de um projeto de colonização por esse ter em vista anular uma identidade que se mostra resistente e inquebrantável. (ZILBERMAN, 2012, p.127)

A primeira forma de colonização real portuguesa foram os “prazos”, que eram pequenos feudos de portugueses (doados, comprados ou conquistados). Esses feudos só vieram a acabar com decretos régios de 1832 e 1854.

Desde 1697, depois de tentativas de exploração de ouro e marfim, o tráfico de escravos tornou-se a principal atividade portuguesa na colônia. Milhares de negros foram arrancados de suas famílias e de suas terras, vendidos como escravos, principalmente para a América do Norte e Brasil. Até o ano de 1800, o número de escravos traficados por ano era de dez mil, número este que passa para 15 e 25 mil escravos/ano até começar a decair depois de 1850. O comércio de escravos continua mesmo depois da abolição da escravatura.

Pires Laranjeira (1995), em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, afirma que a tipografia foi introduzida em Moçambique em 1854, com o *Boletim Oficial*, que era o órgão de comunicação social da colônia. Nesse boletim havia legislação, noticiário oficial e religioso e também textos literários (exclusivamente coloniais). Em 1868, surgiu um semanário chamado *O Progresso*, mas que teve apenas um número, pois depois foi censurado. Já no início do século XX, Carvalho e Silva tentou fundar outros quatro jornais, mas todos acabaram fechados. Esses jornais não conseguiam permanecer abertos, já que a “imprensa não oficial de Moçambique foi geralmente de oposição aos governos, da colônia e de Lisboa.” (LARANJEIRAS, 1995, p. 18).

A ocupação portuguesa do território moçambicano começa a ficar ameaçada quando os chefes europeus decidem dividir a África. Uma das nações que demonstrou interesse pelas colônias portuguesas foi à Inglaterra, alegando que Portugal não havia colonizado todo o território. A Conferência de Berlim, realizada em 1885, deu fim a esse impasse, confirmando o domínio português daquelas terras. Junto com essa confirmação, veio a ordem de colonizar todo o país, fazendo uma ocupação efetiva de todo território limitado pelas fronteiras reconhecidas durante a Conferência. Só a partir desse momento é que ocorreu uma ocupação militar, levando a uma verdadeira administração colonial com os postos administrativos.

Com o crescimento do interesse português pelo território moçambicano, aumentou também o número de registros historiográficos. Helder Garmes (2010, p. 210), em um artigo intitulado *Percurso pela documentação histórica e literária dos países africanos de língua*

*oficial portuguesa (séculos XV-XIX)*, afirma que “Ainda no século XIX, houve um grande interesse por parte de portugueses e estrangeiros de registrar o que se passava no espaço colonial luso-africano, fenômeno que não ocorrera na mesma proporção nos séculos anteriores.”. Claro que isso ocorreu não por boa vontade portuguesa em registrar mais fatos sobre a colônia, e sim por “interesses político-econômicos que aquelas localidades passaram a ter aos olhos da coroa portuguesa depois da perda do Brasil e também da preocupação crescente dos países colonizadores europeus em delimitar seus territórios de dominação na África.” (GOMES, 2010, p.210).

Com a incapacidade militar e financeira de Portugal em ocupar todo o país, a solução foi a distribuição de algumas extensões do território moçambicano para companhias majestáticas e arrendatárias, que se dedicaram a uma economia de plantação e ao tráfego de mão-de-obra para países vizinhos. Esse sistema de administração ocorreu mais ao Norte, enquanto o Sul ficou a cargo da administração direta do Estado Colonial. Essa divisão econômica explica a diferença existente entre Norte e Sul quanto ao desenvolvimento.

A ocupação colonial desde seu princípio nunca foi totalmente pacífica. Os povos moçambicanos lutaram, demonstrando grande resistência à colonização. Foram destaques as resistências chefiadas por Mawewe, Muzila, Ngungunhane, Komala, Kuphula, Marave, Molid-Volay e Mataka, grupos tribais que tentaram evitar a dominação portuguesa. A partir do século XX, Portugal conseguiu estabilizar parcialmente o país.

Até 1940, no campo da produção literária, o que vigorava era a literatura colonial, que era inclusive apoiada pelas entidades oficiais por funcionar como instrumento ideológico que legitimava a dominação sobre o negro. Ela era composta por portugueses, em sua maioria, que escreviam e publicavam histórias que incentivavam a visão da África como algo exótico, contendo muitos preconceitos raciais e reiteração do colonialismo como algo bom. Quase sempre o foco da narrativa se centrava em brancos e quando retratava o negro era de forma superficial, como se esse povo não tivesse nenhum tipo de profundidade. Para Pires Laranjeira (1995, p. 26), “Tal literatura interessará, hoje, apenas como curiosidade ou documento historiográfico para estudo da mentalidade colonial da época.”.

À medida que cresce o número de colonos em Moçambique, surge uma literatura feita por eles e um pouco diferente da colonial, pois aparecem seus problemas específicos. Porém esse tipo de escrita, assim como a colonial, deturpa o que realmente acontece, já que mostra uma relação pacífica entre colonizador e colonizado, o que não passa de ilusão.

Segundo Benjamin Abdala Junior (2012, p. 143), em *Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa*,

Aos poucos, nas primeiras décadas do século XX até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, afirmaram-se na África colonial portuguesa formas de consciência regional, que já embutiam aspirações nacionais. Nessa nova matização, as imagens românticas são comutadas, em especial, por uma apropriação de repertórios do modernismo brasileiro. Esse é o dado novo, tendo em vista que o gesto artístico de nossos escritores procurava afastar paradigmas e mesmo uma sintaxe identificada com dicções evocativas da situação colonial.

Ou seja, aos poucos foram surgindo questionamentos sobre a realidade colonial, mas ligados primeiramente com o regional. Como necessitavam de modelos que não os portugueses, intelectuais moçambicanos, e também dos demais países de língua portuguesa, apropriaram-se de escritores brasileiros que escreviam sobre algo que se assemelhava com a realidade da África. Assim começam a surgir as primeiras vozes que mostram os conflitos, tensões, injustiças do colonialismo.

Grande parte da intelectualidade moçambicana acabou estudando em Portugal, já que era fruto de uma burguesia ascendente. Nesse contexto, começaram a se organizar por lá, discutindo a realidade dos países africanos mesmo estando longe. Para Benjamin Abdala Junior (2012, p. 146),

No período do após-guerra, ao mesmo tempo em que se desenvolviam formas de organização político-culturais em cada um dos países africanos (...) constituiu-se em Portugal um importante núcleo organizativo: a Casa dos Estudantes do Império. O momento exigia novas estratégias (...). Espaço de convergência, a literatura (re)descobre cada país africano para (re)imaginá-lo em suas especificidades. Espaço político de notável importância, passaram pela casa dos estudantes líderes como Amílcar Cabral, Alda do Espírito Santo, Marcelino dos Santos, além de Agostinho Neto, todos protagonistas das histórias das independências dos países africanos colonizados por Portugal.

Possivelmente, através das discussões que ocorriam na Casa dos Estudantes do Império, foram se formando os quadros da luta pela independência nos países africanos sob dominação de Portugal.

Em 1956, ocorreu uma greve dos estivadores do porto de Lourenço Marques, demonstrando já princípios de reivindicação social. Em 1960, houve a movimentação dos Macondes em Mueda, que deixou 500 mortos e inúmeros feridos. São os antecedentes da luta de libertação.

Moçambique se encontrava em uma situação muito complicada. Jane Fraga Tutikian (2006) relata que nas obras públicas e nas plantações de algodão, em 1960, mais de 800 mil

peessoas trabalhavam sob o regime de trabalho escravo. Todo esse sentimento de inferioridade e a vida difícil levaram a manifestações e ao surgimento de movimentos nacionalistas, que receberam apoio de alguns países vizinhos, como a Tanzânia.

A educação também não era prioridade para a administração colonial. Segundo Pires Laranjeira (1995), ao início dos anos 60, o analfabetismo atingia, em Moçambique, quase 98% da população, mostrando que o número de pessoas escolarizadas era baixíssimo. Isso acontecia devido à política portuguesa de “criar uma elite muito restrita de assimilados para servirem no sector terciário, ao mesmo tempo que deixava as populações entregues a si, sem permitir o seu auto-desenvolvimento ou, no pior dos casos, usando-as como mão-de-obra escrava ou barata.” (LARANJEIRA, 1995, p.20). Ou seja, se a metrópole oferecesse educação para toda a população, ela iria começar a ter consciência de sua situação e não se sujeitaria mais a tudo que era obrigada.

Em Moçambique, em 1962, surgiu a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fruto da união de três movimentos de libertação criados no exílio: União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), Mozambique African National Union (MANU), União Nacional Africana para Moçambique Independente (UNAMI).

Em 25 de setembro de 1964, a FRELIMO iniciou a luta armada de libertação nacional, quatro anos depois de Angola. Os ataques começaram no distrito de Chai, na província de Cabo Delgado, no extremo norte do país, e foram fortemente reprimidos. O crescimento da luta de libertação foi grande, já que contou com certo apoio popular. Em 1965, a FRELIMO já controlava um quinto do país. Durante a luta de libertação, lideraram o movimento, primeiro, Eduardo Chivambo Mondlane, que acabou morrendo assassinado por uma bomba postal em 3 de fevereiro de 1969. O segundo líder foi Samora Machel.

Uma preocupação que quase todos os movimentos de libertação tiveram foi a educação, mostrando que além de serem frentes militares, também prestavam atenção às questões culturais, já que queriam realmente mudar a realidade do seu país. Pires Laranjeira (1995, p.21) afirma que essa atitude ainda não teve “um verdadeiro alcance de massificação, devido a apenas atingirem os escassos milhares de militantes na clandestinidade e faixas de população que os apoiavam.”. Inclusive, em algumas regiões, criavam-se pequenas escolas escondidas para que os guerrilheiros e alguma parcela da população comprometida com o movimento pudessem estudar.

Nesse momento histórico de luta nacional contra o colonialismo, os escritores não podiam ficar de fora. Era necessário que em todas as frentes possíveis houvesse a relação com

a política, “Eram tempos de literatura engajada e esses intelectuais mostram-se com facetas especificamente literárias tão radicais como as políticas. O escritor e o cidadão, para eles, não poderiam deixar de caminhar juntos.” (ABDALA JR, 2012, p. 143).

A poesia assume papel importante nesse contexto, pois foi uma forma que os combatentes da FRELIMO encontraram para expressar o cotidiano da luta anti-colonial. Essa literatura combativa circulava de forma proibida já que “era difícil, em tempo de luta armada, que as autoridades permitissem a organização de grupos coletivos intervenientes no plano da actividade literária.” (FERREIRA, 1977, p. 93).

No dia 25 de abril de 1974, acaba a ditadura de Salazar e com isso uma nova esperança renasce nas colônias portuguesas. Mas, mesmo depois da Revolução dos Cravos, a situação não mudou muito em Moçambique. A violência continuou e ocorreram inúmeros incidentes entre negros e brancos, graças à agitação do momento, com contestações e ameaças por parte da minoria branca. Em 7 de setembro de 1974, assinou-se o acordo de Lusaka, que instaurou um governo de transição, rumo à independência do país.

A independência total veio em 25 de junho 1975 e ficou a cargo da FRELIMO, que instaurou um governo marxista. O primeiro presidente da então chamada República de Moçambique foi Samora Machel. Mas, como dizia Amílcar Cabral, o grande pensador das lutas independentistas, a etapa mais difícil vem depois da vitória sobre o colonialismo.

A minoria branca não aceitava a transferência pacífica do poder. Isso fez com que, pela violência, os estrangeiros fossem retirados do país. Acredita-se que meio milhão de pessoas saíram de Moçambique nessa época. Fazia parte da política colonial não preparar pessoas da própria terra para assumir os cargos administrativos. Com isso, logo após a independência, com a retirada dos brancos, não havia quadros para ocupar as funções que ficaram livres.

Quem assume o poder então é na sua maioria, quem havia estudado em Portugal, participado da Casa dos Estudantes, e que vinha de exílios. Por isso, desconsideravam a realidade moçambicana. Encontraram uma sociedade complexa, com um interior ainda primitivo, com economia de subsistência, e zonas urbanas com pessoas vivendo em situações bem complicadas. Outra consequência do abandono de quase meio milhão de brancos após a independência foi a carência enorme de mão-de-obra qualificada.

A história do colonialismo português, em Moçambique e nas outras colônias africanas, baseou-se na superposição cultural junto com mecanismos econômicos de exploração das riquezas naturais e tráfico de escravos. Um artigo publicado no *Jornal Domingo* (apud

TUTIKIAN, 2006, p. 61), em 29 de agosto de 2004, em Maputo, Moçambique, critica a tentativa de olhar com novos olhos o colonialismo, levando assim a um branqueamento da história. Demonstra que

O que estamos a assistir, hoje, é a sucessivas tentativas de branquear a história recente. A tentativas para tentar demonstrar que o colonialismo não foi tão mau como alguns pretendem dizer que tenha sido. Ou, e parece ser esta questão de fundo, que o colonialismo português não foi tão mau como outros colonialismos. Ora, muito claramente, não existiram sistemas de colonização bons e maus. Na sua essência, e pelos objectivos que perseguiram, todos os sistemas de colonização foram maus em si próprios. Isto, obviamente, do ponto de vista do colonizado. A quem pouco importava se a bandeira que tinha de respeitar era inglesa ou francesa, espanhola ou portuguesa, italiana ou alemã. O trabalho forçado, a palmatória, a escravatura foram, durante décadas, processos comuns. Digamos, então e para que fique claro em certas cabeças, que o colonialismo em momento algum foi melhor do que outros. Pelo contrário. Poderá ter sido bem pior, a partir do momento em que passou a reprimir, através da PIDE e da PIDE/DGS, toda e qualquer tentativa de independência. Em que começou a matar, a massacrar e a assassinar. Em Moçambique, como em Angola, como na Guiné-Bissau. E, contra factos não existem argumentos.

Isso acaba desmistificando a ideia de que existe colonialismo bom e mau, mostrando como todos na verdade baseiam-se em dominação e superposição. E a literatura tem papel fundamental nisso, pois é “contra esse branqueamento da história que a literatura luso-africana pós-colonial se inscreve.” (TUTIKIAN, 2006, p. 61).

A FRELIMO, com todas as dificuldades que encontrou, não conseguiu implantar o modelo econômico socialista, e o sistema de mercado existente desmoronou com todos os problemas.

Ao final dos anos 70, o movimento RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) passa a combater o governo da FRELIMO. A RENAMO foi um grupo anticomunista que recebeu apoio do governo da África do Sul (dominado por brancos) e que ficava na Rodésia (que hoje é Zimbábwe), que também tinha dominação branca. Além disso, recebia ajuda de portugueses colonialistas e norte-americanos (interessados em, indiretamente, combater a URSS, que apoiava a FRELIMO). Mesmo com uma campanha político-ideológica e militar forte da FRELIMO, a guerrilha cresceu no país. Essa guerra civil também ficou conhecida como 2ª Guerra Colonial.

Em 1984, Moçambique assina um tratado de não-agressão com a África do Sul, mas o governo sul-africano não cumpre e continua ajudando a RENAMO. Moçambique ajudou muito as populações negras de países vizinhos, como África do Sul e Rodésia, nas lutas contra

seus governos brancos, isso fez com que os vizinhos também tivessem interesse em prejudicar o governo da FRELIMO.

Demorou muito a solução desse impasse que levava a população a um grande sofrimento. Na década de 90, inicia-se a resolução deste conflito. Em 1994, realizou-se eleições multipartidárias. Ganhou a FRELIMO, com o presidente Joaquim Chissiano, que já estava no posto desde a morte de Samora Machel em um acidente de avião. Moçambique então estava dominado por diversos problemas: difícil estabilização, miséria enorme, inúmeros casos de tifo e cólera, minas terrestres em grande parte do território do país (frutos das guerras coloniais), dificultando o cultivo da terra.

Chissiano realiza difíceis negociações com a RENAMO. Assina um acordo com o grupo anticomunista em 1992. Em 1996, ocorre a aproximação com o governo de Nelson Mandela (África do Sul), assinando vários tratados de cooperação. A FRELIMO voltou a ganhar as eleições em 2000, 2004 e 2009. Desde 2004, o presidente é Armando Emílio Guebuza.

Segundo o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2013*, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a esperança de vida no país está em 50,7 anos, e a idade mediana da população é de 17,8 anos. Com isso, percebe-se que as pessoas morrem muito cedo em comparação a outros países mais desenvolvidos. Apenas 56,1% dos adultos (15 anos ou mais) são alfabetizados, mostrando ainda uma dificuldade na área da educação. A maioria da população encontra-se em área rural, apenas 31% vive em cidades. A pobreza é um grande problema em Moçambique, 60,7% da população vive na pobreza grave (maior nível).

Hoje em dia, o país ainda passa por muitas dificuldades devido à presença das minas terrestres (fruto das guerras coloniais), seca, ciclones e enchentes. Mesmo enfrentando tantas adversidades, os moçambicanos tentam se erguer e reconstruir sua terra. Mesmo com esse esforço, é uma “nação espacial e culturalmente destruída e em crise de identidade.” (TUTIKIAN, 2006, p. 64), ou seja, é um país ainda perdido, em busca de sua identidade.

A literatura, atualmente, tenta encontrar a identidade desse povo, que há pouco tempo vive sem presença de guerras. Se, em certo momento histórico, ela foi de denúncia do colonialismo, depois de representação do sofrimento do povo, de tudo que se esperava pós-independência e que não ocorreu, hoje também invade “o mundo maravilhoso, mágico, fantástico, dos mitos, das lendas, do folclore, das crenças locais.” (GARCÍA, 2012, p. 109).

Então, ao mesmo tempo em que são várias literaturas, buscam se afirmar como uma só, moçambicana. O mesmo ocorre com o país, que possui diferentes realidades, no interior as negociações são de ordem diferente daquelas das grandes cidades, mas que busca uma identidade nacional, para poder se reconstruir e se enxergar como povo. Não é uma tarefa fácil, mas estão no caminho certo.

Todos os moçambicanos precisam se adaptar aos diferentes momentos históricos vividos pelo país, aceitando ou lutando por mudanças. Nessa perspectiva, é importante pensar em como a mulher é tratada ao longo do tempo e quais as mudanças que ocorrem em seu tratamento.

### 3 SITUAÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE

Tratar da situação da mulher em Moçambique não é uma tarefa fácil, na medida em que está diretamente relacionada à tradição e à cultura desse país. Nesse sentido, pensar nas mudanças históricas é importante para perceber como o passado ainda marca substancialmente o presente.

#### 3.1 Surgimento do mundo

Mia Couto, no conto *Lenda de Namarói* em *Estórias Abensonhadas*, conta a lenda de Namarói sobre o surgimento do mundo. Sabemos logo no início que a história é inspirada no “relato da mulher do régulo de Namarói, Zambézia, recolhido pelo padre Elia Ciscato” (COUTO, 1996, p.99), dando, portanto, certa veracidade ao conto.

A narradora começa falando que vai relatar o que seus antepassados lhe contaram em sonhos e que foram eles que lhe passaram essa sabedoria. Só por isso que ela toma a palavra, pois, conforme esclarece, “Sou mulher, preciso autorização para ter palavra.” (COUTO, 1996, p.99). Mas ela pede: “Agora, o senhor me traduza, sem demoras. Não tarda que eu perca a voz que agora me vai chegando.” (COUTO, 1996, p.99), mostrando como a mulher no tempo presente da narrativa passa por diversas restrições e submissões.

Segundo a lenda, no início de tudo só existiam mulheres. Até que apareceu um grupo de mulheres que por não conseguir parir foram engolidas por outras. Depois de três dias, essas mulheres deram à luz, só que “esses seres que estavam dentro dos ventres ressurgiram mas sendo outros, nunca antes vistos. Tinham nascido os primeiros homens.” (COUTO, 1996, p.99). Como esses novos seres eram diferentes, resolveram mudar de local. Mudaram para o outro lado do monte Namuli. Quando isso ocorreu, um fio de água que os separava virou um rio.

Ao perceberem que as mulheres possuíam o fogo, os homens tentaram buscá-lo do outro lado, mas sem sucesso. O muene, autoridade tradicional, resolveu ir até a outra margem e ao encontrar uma mulher e expor seu problema ela lhe diz: “O fogo é um rio. Deve-se colher pela fonte.” (COUTO, 1996, p.100). Então, homem e mulher dormem juntos. E a “mulher, no fim, lhe beijou os olhos e neles ficou um sabor de gota. Era uma lágrima de sangue, ferida da terra. A lágrima chorava, clamando que se costurassem as duas margens em que sua carne se havia aberto.” (COUTO, 1996, p. 101). Ao retornar a sua margem, o homem percebeu que o

rio estava calmo, como nunca antes estivera. Os demais homens ficariam curiosos e começaram a fazer excursões noturnas, e a cada uma delas o rio diminuía. Depois de um tempo, “O mundo já quase não dispunha de dois lados.” (COUTO, 1996, p.102), ficando, assim, os homens nos territórios das mulheres.

Por esta lenda, percebe-se a importância que a mulher teria no surgimento de tudo, pois no início só elas existiam. Além do mais, eram elas que tinham o poder do fogo, deixando os homens com inveja. A terra chorava (na metáfora da lágrima) pela separação que havia se criado entre os dois sexos. O rio se acaba com a união de homens e mulheres, mas o que se percebe é que a relação de igualdade não se concretizou nessa união. A narradora de quem o autor diz ter coletado a lenda já não é uma mulher que detém algum poder, não provoca inveja pelos homens. Ela já está marcada pela submissão, inferioridade.

### **3.2 Mulher na sociedade tradicional**

Na sociedade tradicional, ou seja, aquela que existia já antes do colonialismo, a mulher sempre foi tratada como inferior, seja no sul ou no norte de Moçambique. No sul, existia uma sociedade patrilinear, em que as mulheres pertenciam à família do pai e depois à do marido, ficando a cargo deles sua tutela. No norte, havia uma sociedade matrilinear, e o controle da mulher pertencia ao homem mais velho da família da mãe. Elas não podiam falar em público, por isso a importância de seus tutores masculinos. Barbara Isaacmam e June Steffhan (1984, p. 11) argumentam, em *A mulher moçambicana no processo de libertação*, que “Segundo a lei consuetudinária as mulheres não eram pessoas no sentido legal. Não podiam, por exemplo, comparecer nos tribunais, tendo sempre de ser representadas pelo seu tutor masculino.”

Além de não serem consideradas pessoas e não terem direito à fala, as mulheres eram mercadorias graças a duas características principais: sua força de trabalho, que poderia ser utilizada pelos seus “donos”, e sua capacidade procriadora, na medida em que criaria novos seres para o trabalho. Por isso as sociedades patrilineares se utilizavam do *lobolo*, em que o marido deveria pagar de diversas formas (gado, vestuário, dinheiro) uma quantidade à família da mulher, para assegurar o controle do potencial produtivo e reprodutivo. A partir do momento em que o homem paga o *lobolo* à linhagem da mulher, ela e seus filhos passam a ser propriedades da família do marido. Essa forma de venda se desenvolveu mais no sul de Moçambique, pois eram populações criadoras de gado (no princípio o *lobolo* era feito apenas com gado, depois que começou a ser feito com dinheiro).

Essa venda da mulher acarreta grandes problemas, entre eles a dificuldade de dissolução da união, pois

Na medida em que a família da esposa teria que devolver o *lobolo* em caso de divórcio, exercia-se nela uma grande pressão para que permanecesse com o marido. (...) Por isso, mesmo quando a mulher era maltratada ou espancada regularmente pelo marido ou pela família dele, o conselho dos pais era sempre que devia permanecer em casa do marido e suportar isso. (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.13)

Ou seja, a família não conseguiria reembolsar o *lobolo* ao marido e depois também não conseguiria vender algo (mulher) que já teria sido “usado” por outro. Graças a esse pensamento, as mulheres não tinham grande apoio da família para a separação, sempre aconselhadas a aceitar tudo e obedecer sempre.

No norte do país, não se desenvolveu a compra da noiva como no sul. Devido à forma como se organizava a sociedade, mesmo que houvesse algum tipo de pagamento, os filhos sempre pertenciam à linhagem da mãe. Isso levava inclusive a consequências no casamento, pois era o “vínculo mais forte entre a mulher e a sua família, reforçado pela continuação da sua residência na povoação dos pais depois do casamento, da posição do marido como elemento exterior à aldeia (...), os casamentos eram menos estáveis que no sul e os divórcios relativamente comuns.” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.14).

Algo comum em todos os lugares de Moçambique, assim como em outros países, é a relação de inferioridade das mulheres. Todas as sociedades possuíam algum tipo de rito de iniciação, casamentos prematuros quase sempre acertados sem levar em conta a opinião da mulher e a poligamia. Esse pensamento era ensinado e reforçado nas famílias e em todas as práticas educativas. As meninas cresciam já tendo um tratamento diferenciado dos seus irmãos.

Elas eram ensinadas a sempre obedecer, a não se imporem, a respeitar seus maridos acima de tudo. Rami, personagem principal do romance *Niketché, Uma História de Poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, é um bom exemplo. Ela aprendeu a submissão feminina desde cedo e diz: “Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até suas loucuras suportei. (...) Sacrifiquei meus sonhos pelos sonhos dele.” (CHIZIANE, 2002, p.16).

As mulheres não tinham acesso a um conhecimento formal, sendo os ritos de iniciação a principal forma de educação. Ao chegar perto da puberdade, as meninas iniciavam os preparativos para a vida em casal. Eram ensinadas a serem obedientes sempre, a agradar e

servir seus maridos, não importando a circunstância. Aprendiam também que a poligamia era uma prática boa devido à camaradagem das mulheres e pela ajuda mútua. Era ensinado, em alguns casos, como satisfazer sexualmente seus maridos, inclusive tendo que demonstrar os movimentos. Muitas vezes envolvia inclusive mutilação genital, pois se acreditava que traria maior prazer sexual ao homem, não pensando nunca na satisfação feminina. Depois de serem submetidas a esses ritos de iniciação, as mulheres estavam aptas para o casamento. Seus pais escolhiam o homem, quase sempre mais velho, e elas tinham que aceitar.

A poligamia era outra forma de submissão e sofrimento da mulher, elas eram obrigadas a dividir e aceitar tudo que seu marido queria. Quase sempre o homem ia escolhendo mulheres mais jovens. Para Isaacmam e Stefhán (1984, p. 15),

A poligamia era a instituição que permitia aos homens aumentar a sua riqueza e o seu estatuto na sociedade. Quanto mais mulheres um homem possuísse, maior porção de terra podia ser cultivada, mais comida podia ser produzida e mais filhos podia fazer, que iriam todos ajudar as mães a cultivar mais para ele. (...) os membros mais importantes da sociedade tinham, usualmente, mais mulheres.

Então, quanto mais mulheres o homem tivesse, mais forte e poderoso era considerado. Sendo que isso não representava a qualidade de vida de suas esposas.

Segundo a tradição oral, a poligamia estaria relacionada a uma enchente de um rio que teria matado todos os homens. Às mulheres que sobreviveram couberam todas as atividades necessárias para manutenção daquela comunidade, mas não teriam como se reproduzir (tendo, assim, um fim já estabelecido). Depois de um tempo, dois irmãos que viviam em outro povoado resolveram atravessar o rio, e como não conseguiram retornar, foram presos pelas mulheres. Como forma de castigo, eles deveriam dormir a cada noite com uma mulher, para assim voltar a povoar a tribo, e é isso que acontece. Um dos irmãos acaba retornando, mas o outro permaneceu e tomou o lugar, as mulheres e as crianças. Essa narrativa mostraria a relação mítica entre poligamia, poder, manutenção da vida e da lavoura.

O sofrimento da mulher continuava mesmo depois da morte de seu marido, quando ficavam viúvas, pois elas continuavam pertencendo à família do homem (devido ao *lobolo*). Graças a esse sentimento de posse, a mulher poderia passar para outro homem da família ou ser devolvida aos pais. Além do mais, “como as mulheres não eram consideradas pessoas, não tinham direitos de herança” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.16), por isso, depois de viúvas não havia nada que as resguardasse financeiramente, todos os bens pertenciam à família do homem, podendo deixar a mulher sem nada, expulsando-a inclusive de sua casa.

O romance de Paulina Chiziane, *Niketche, Uma História de Poligamia*, mesmo passando-se em Maputo nos dias atuais, recria algumas dessas tradições, mostrando como a mulher sofre com a poligamia e a sua submissão. Quando Rami descobre que seu marido Tony possui outras mulheres, não aceita, pois “Marido não é pão que se corta com faca de pão, uma fatia por cada mulher.” (CHIZIANE, 2002, p.21). Depois de um tempo, ela aceita e começa a ter relações com as demais, chegando inclusive a ajudá-las a entrar no mundo do trabalho. Ao resgatarem a poligamia tradicional, inclusive a dividem os dias que Tony ficaria com cada mulher.

Com a suposta morte do homem, a situação não melhora. Muito pelo contrário. A família na sua suposta legalidade (investida pela tradição) leva tudo da viúva, “Deixaram-me as paredes e o tecto, e dão-me um prazo de trinta dias para abandonar a casa.” (CHIZIANE, 2002, p. 221). Além de levarem tudo e de fazerem Rami passar por várias cerimônias (uma delas deixando-a sem roupa e raspando seu cabelo), submetem a viúva à *kutchinga*, que seria “inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutchinga* é carimbo, marca de propriedade. Mulher lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda.” (CHIZIANE, 2002, p. 211). Devido ao *lobolo*, a família do homem acha que tem direito sobre a mulher, fazendo-a passar por muitos problemas.

A vida da mulher, então, fica sempre em mãos masculinas. Antes de seu casamento, ela pertence ao seu pai, depois que o noivo paga por ela, passa a ser propriedade do marido. Nesse sentido o dilema que Rami vive representa a vida de muitas mulheres,

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá (...). O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou estrangeira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, na mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. (CHIZIANE, 2002, p.92)

Não possuindo terra, nem nome, só resta à mulher tentar viver nessa vida difícil a que a submetem ou tentar mudar, sabendo que as dificuldades para essa opção são enormes.

### 3.3 Mulher no período colonial

Durante a dominação portuguesa, as mulheres sofreram com o trabalho forçado (em construções, plantações), com a humilhação e com todos os males sociais e culturais do

colonialismo, assim como os homens. Se antes da colonização tinham basicamente duas funções (cultivar e procriar), agora ainda tinham o chibalo (forma de trabalho). Deviam conciliar tudo para não morrerem de fome e para não serem espancadas (o que acontecia quando os portugueses não ficavam satisfeitos com o trabalho).

A vida dos homens também acabou por prejudicar a realidade feminina. Ou eles ficavam em terras moçambicanas e eram submetidos ao chibalo (tendo ainda as mulheres que alimentá-los nos ambientes de trabalho), ou iam para os países vizinhos, onde trabalhariam para pelo menos receber algo. Isso repercutia muita na vida das mulheres, já que ou elas precisavam cuidar de seus homens, ou deviam superar grandes períodos de ausência. Se os maridos voltavam para ver a família eram poucas vezes e por pouco tempo, para que não eles fossem pegos pelos portugueses. Então,

A ausência sistemática dos homens por períodos longos levava a que as mulheres tivessem que assumir ainda uma maior responsabilidade em relação às actividades domésticas e agrícolas. Daí resultou que a vida das mulheres piorou apreciavelmente durante o período colonial e o nível nutricional da família baixou dramaticamente. (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.18)

Não bastando todo o sofrimento que as mulheres passavam, ainda existia um enorme agravante: a exploração sexual pelos colonialistas. Esses crimes aumentavam a opressão das mulheres. Elas eram constantemente violadas, não importando se eram crianças, jovens, casadas. Se a situação já era ruim, piorou com a chegada das tropas portuguesas (na época da guerra colonial), já que eles não respeitavam nada, retiravam as mulheres à força de suas casas mesmo na presença de seus maridos. Acreditavam que só por serem europeus e brancos, todas as mulheres africanas iriam se sentir privilegiadas ao dormirem com eles.

Ao relatar a vida de uma mulher comum, Paulina Chiziane (no livro já citado) acaba romaneando as trajetórias de muitas outras, com as diversas violações sofridas:

Há dias conheci uma mulher do interior da Zambézia. Tem cinco filhos, já crescidos. O primeiro, um mulato esbelto, é dos portugueses que a violaram durante a guerra colonial. O segundo, um preto, elegante e forte como um guerreiro, é fruto de outra violação dos guerrilheiros de libertação da mesma guerra colonial. O terceiro, outro mulato, mimoso como um gato, é dos comandos rodesianos brancos, que arrasaram esta terra para aniquilar as bases dos guerrilheiros do Zimbabwe. O quarto é dos rebeldes que fizeram a guerra civil no interior do país. A primeira e a segunda vez foi violada, mas à terceira e à quarta entregou-se de livre vontade, porque se sentia especializada em violação sexual. O quinto é de um homem com quem se deitou por amor pela primeira vez. Essa mulher carregou a história de todas as guerras do país no ventre. (CHIZIANE, 2002, p. 277)

A mulher do relato foi violada, depois aceitou seu “destino” e entregou-se para a violação. Suas violações representam a história de Moçambique, demonstrando que não importa quem os homens representassem, a questão da inferioridade feminina e da visão que podem usar de seu corpo sempre permanece presente. Mas a mulher ainda fica feliz, pois “A minha felicidade foi ter gerado só homens, nenhum deles conhecerá a dor da violação sexual.” (CHIZIANE, 2002, p. 278).

Toda a visão de inferioridade que a mulher sofria antes da chegada dos portugueses só foi reforçada pela polícia colonial e pela religião. Elas eram consideradas como inferiores aos homens africanos, sofrendo, portanto, muito mais. A religião teve um papel importante, nas regiões costeiras de Moçambique onde houve a penetração do Islã, que acaba por manter a submissão feminina. O cristianismo ficou responsável pela educação formal das crianças, mas era destinada somente aos meninos. Graças a isso, as mulheres permaneceram muito tempo no obscurantismo, na ignorância, sendo educadas o mínimo necessário. O analfabetismo acaba sendo mais elevado nas mulheres, trazendo grandes problemas futuros.

### **3.4 Mulher na luta de libertação nacional**

As mulheres sempre participaram da resistência à dominação portuguesa. No início da luta de libertação, elas ajudavam no transporte de material, na preparação da alimentação dos combatentes da FRELIMO, na espionagem aos portugueses e na saúde e na educação nas áreas já libertadas. Tiveram papel importante também na mobilização da população moçambicana, explicando a política da FRELIMO para que assim todos apoiassem a luta e se juntassem aos combatentes.

Aos poucos, o público feminino foi entrando na luta armada. Em 1967, criou-se o Destacamento Feminino (DF), parte do exército da FRELIMO, sendo, portanto, um corpo político-armado. As mulheres receberam treinamento político-militar na Tanzânia. Os homens, alguns inclusive integrantes da frente, tiveram dificuldade em aceitar essa situação devido à tradição. Algumas, ao longo dos anos, casaram-se, tiveram filhos (que deixavam nos centros dirigidos pelo DF, que cuidavam de crianças) e mesmo assim não abandonaram as batalhas.

Muitas dúvidas surgiram referentes à questão da emancipação da mulher, se essa luta deveria ser vinculada à luta de libertação nacional ou não. Alguns defendiam que o esforço deveria ser centrado contra o colonialismo, e que se colocasse a questão da mulher junto

poderia prejudicar, pois estaria indo contra as tradições locais. Mesmo assim, em dezembro de 1972, em uma sessão do Comitê Central, estabeleceu-se que a luta deveria ser pela melhoria de 100% da população, não deixando 50% de fora (que seriam as mulheres), sendo, então, a emancipação da mulher uma das questões centrais da revolução.

Em março de 1973, aconteceu a I Conferência da Mulher Moçambicana. Mulheres de várias partes de Moçambique participaram. Samora Machel, presidente da FRELIMO e depois da República Popular de Moçambique, fez o discurso de abertura, chamado *A libertação da Mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo*. Lá foi criada e estruturada a Organização da Mulher Moçambicana (OMM), considerada

Uma estrutura de enquadramento e orientação da mulher moçambicana em geral, na batalha pela emancipação da mulher. A sua tarefa principal, além da anterior, é a de mobilizar a opinião internacional a favor da nossa luta, e exprimir a solidariedade da mulher e do Povo Moçambicano para com a luta libertadora e revolucionária das mulheres e dos Povos do mundo inteiro. Um combate, particularmente, impõe-se à Organização: manter sempre agudo o sentido real da emancipação, reforçar a luta ideológica contra as tentativas de desvirtuar a luta da mulher e de isolá-la da Revolução. É a adesão firme à linha, compreendida, assumida e vivida no detalhe do quotidiano, que fornecerá à Organização e à mulher o sentido necessário de vigilância, para detectar no embrião a menor ofensiva ideológica reacionária. (MACHEL, 1982, p. 30)

A participação de todas as mulheres seria imprescindível nessa Organização. Os quadros sairiam do Destacamento Feminino, já que teriam preparação política para tais funções.

Neste mesmo texto, Samora Machel (1982, p. 18) diz que a mulher “aparece como o ser mais oprimido, mais humilhado, mais explorado. Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão e do colono.”. Assim, como o ser que mais sofre, sua causa não deve ser deixada de lado, pois faz parte e é essencial para a criação de um mundo diferente. Relata também que é falso dizer que a mulher não sente necessidade de se libertar, pois “a dominação exercida pela sociedade, asfixiando-lhes a iniciativa, impede-lhes frequentemente de exprimirem as suas aspirações.” (MACHEL, 1982, p. 19).

Samora retrata que a menina é desde pequena criada de maneira diferente, inculcando nela um sentimento de inferioridade. Nas suas palavras, “o processo de alienação mental atinge o ponto culminante quando o elemento explorado, reduzido à passividade total, já não consegue imaginar que possa existir uma possibilidade de libertação, e ele próprio se torna agente difusor da teoria da resignação e passividade.” (MACHEL, 1982, p. 24). As mulheres

acabam depois reproduzindo todo o sofrimento que viveram, mas isso porque já não conseguem almejar nada diferente.

### **3.5 Mulher em Moçambique independente**

A Constituição da República Popular de Moçambique foi elaborada integralmente pela FRELIMO logo após a independência. Trata em vários artigos da igualdade entre os sexos e da necessidade de emancipação da mulher. Mesmo estando previsto em lei a igualdade, as mulheres permanecem enfrentando diversos problemas.

Depois da independência foram criados Grupos Dinamizadores nas regiões que a FRELIMO não controlava antes. Nesses grupos, um dos sete postos de responsabilidade era reservado ao representante da OMM. Mas os homens continuavam achando que as mulheres não deveriam participar das decisões, por isso elas permaneciam nos cargos de menor responsabilidade, cumprindo ordens e executando os planos elaborados pelos homens. Além disso, tudo que tinha relação com as mulheres não passava pelos Grupos e sim pela OMM, demonstrando que seus assuntos não eram bons o suficiente para serem discutidos por todos. Continuava, de certa forma, a submissão. Claro que esses grupos eram formados por pessoas da região, pois a FRELIMO lutava pela igualdade, mas nem sempre conseguia agir em todos os lugares.

Todas as células do partido realizavam campanha para a participação da mulher, para que fossem virando militantes, mas não teve muitas aceitações, pois as mulheres estavam acostumadas à passividade, então não tinham muito engajamento político.

Como a submissão da mulher sempre foi aceita na sociedade, mesmo membros do partido ainda demonstravam essa visão,

Apesar do influxo de mulheres membros do Partido, existe ainda bastante discriminação sexual nas células do Partido, herdada da sociedade tradicional e colonial. Nas actividades do Partido as mulheres são, muitas vezes, confinadas a desempenhar trabalhos domésticos. (...) Existe ainda a tendência para pensar em termos de “trabalho dos homens” e “trabalho das mulheres” e para limitar a participação das mulheres nas células do Partido aos sectores da educação, cultura, saúde e OMM. (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.37)

Combateram-se essas visões, tendo inclusive casos de militantes expulsos por não lutarem pela causa da emancipação da mulher.

Depois da independência foi incentivada a participação política das mulheres. Já nas eleições elas tiveram direito a voto e a se candidarem (já que a igualdade já estava prevista na

Constituição). Isso foi de grande importância, pois as mulheres começaram a ser ouvidas, algo que não acontecia anteriormente. Como era de se esperar, elas não ocuparam tantos cargos, visto que ainda nem estavam incluídas na vida política do país. As mulheres que mais se envolviam quase sempre eram da OMM, acumulando então diferentes tarefas políticas.

O casamento, tradicionalmente e na época colonial, era baseado na união de mulheres muito jovens com homens bem mais velhos. E sempre arranjado pelas famílias, em que não era consultada a opinião feminina. Logo após a puberdade, quando fizessem os ritos de iniciação, as mulheres já eram mandadas para o casamento. Já os homens eram mais velhos, ou pelo motivo da menina ter sido prometida antes do seu nascimento (explicando a diferença de idade) ou porque demorava até que os homens conseguissem recursos suficientes para pagar o *lobolo*.

Uma das frentes da FRELIMO sempre foi combater esses casamentos, assim como os ritos de iniciação, por acreditar que prejudicavam muito a vida da menina. As frentes baseavam-se em conversas com as famílias explicando a necessidade de as mulheres estudarem, das consequências negativas que um casamento prematuro traz, sobre os ritos. Tentou-se, inclusive, estabelecer uma idade mínima para os casamentos.

Assim, o combate à poligamia também foi intenso. Visto as consequências que o homem teria com essas uniões, ir contra essa prática foi bem difícil. Membros e dirigentes do próprio partido tinham várias esposas. Aos poucos, foi-se criando mecanismos para tentar explicar os benefícios do casamento monogâmico.

Buscou-se também tratar sobre a igualdade entre o casal, em que não haveria mais inferioridade da mulher. Assim, o homem não teria como proibir sua esposa de realizar nenhuma atividade e nem fazer nada contra ela. A partir disso, os próprios recursos do casal deveriam ser discutidos, não cabendo mais ao marido o controle absoluto da casa. O trabalho doméstico foi valorizado, para que os homens não pensassem que as mulheres não estavam fazendo nada em casa, enquanto trabalhavam muito, pois arrumavam tudo, cuidavam das crianças, faziam comida. Diversas iniciativas para maior entrada da mulher no mercado de trabalho também começaram a ser feitas.

Antes da independência era muito difícil que alguma mulher conseguisse o divórcio. Como elas necessitavam de um porta-voz (pois não tinham direito a voz), nunca conseguiam alguém que as representassem. Para as famílias aceitar o divórcio seria devolver o *lobolo* pago pelo esposo. Muitas mulheres acabam fugindo por não aguentarem mais, algumas acabando na prostituição por não terem mais como se sustentar.

A partir da segunda Conferência da OMM, o divórcio passou a ser direito de qualquer cidadão. Juntamente com isso se procurou incentivar o casamento e a família, pois foram muitos os casos de homens que se divorciaram de suas esposas, sem terem justificativas, só para casar com mulheres mais jovens e modernas. Os Tribunais Populares, a partir de 1978 com a Lei de Organização Judicial, podiam dar o divórcio quando eram comprovados os maus-tratos e se não havia mais possibilidade de reconciliação.

Os filhos, que antigamente sempre pertenciam aos pais, deveriam pelas novas leis permanecer com suas mães até serem maiores para decidir. E o pai deveria, obrigatoriamente, ajudar no sustento, dando uma parte do salário (ou das produções se tratasse de camponês) para a ex-esposa.

### **3.6 Mulher hoje: dados e expectativas**

Mesmo com diversos avanços, as mulheres continuam a sofrer com diversos problemas, pois a visão de submissão da mulher é algo que está fortemente relacionada à cultura e à tradição. Algumas características permanecem da sociedade tradicional justamente por isso.

A questão da violência ainda é muito presente, pois muitos homens se acham no direito de tal atitude, ou por verem a mulher como propriedade, ou por acharem que a agressão não é algo negativo. *Niketche*, nesse quesito, representa bem o pensamento masculino, pois Tony relata “Nunca maltratei a Lu, bati nela algumas vezes, apenas para manifestar o meu carinho. (...) A minha mãe foi sempre espancada pelo meu pai, mas nunca abandonou o lar. As mulheres antigas são melhores que as de hoje, que se espantam com um simples açoite.” (CHIZIANE, 2002, p.283). O personagem compara as mulheres e chega à conclusão que o bom é quando as mulheres apanhavam quietas. Mas, felizmente, até ele percebe que esse tempo está mudando.

Segundo o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2013*, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em algumas áreas as diferenças entre homens e mulheres ainda são grandes. Um exemplo claro disso é a taxa de população com pelo menos o ensino secundário, pois, baseando-se em dados de 2006-2010, a porcentagem com 25 anos ou mais é de 1,5 para o sexo feminino, enquanto para o sexo masculino é de 6,0, mostrando, com isso, que os homens ainda têm mais acesso à educação. Claro que a taxa geral de população com

pelo menos o ensino secundário é pequena, 3,6 em 2010, mas, mesmo assim, a diferença entre homens e mulheres permanece.

As mulheres estão também muito mais sujeitas ao VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana), conhecido como HIV (sigla em inglês). A taxa de prevalência do HIV na juventude (% de idades entre 15-24 anos), segundo dados de 2009, é de 8,6 para o sexo feminino, enquanto para o sexo masculino é de 3,1.

Alguns dados estatísticos mostram que a situação está melhorando. A taxa de participação na força de trabalho (% com 15 anos ou mais), de 2006-2010, mostra que a participação feminina é de 86,0, e a masculina é de 82,9. Percebe-se, portanto, que as mulheres estão entrando cada vez mais no mercado do trabalho. O Parlamento Nacional (2012) é composto por 39,2% de mulheres, demonstrando que o envolvimento feminino na política está crescendo, mas muito ainda tem a ser feito.

Modificar a tradição não é tarefa fácil, mas “As mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo.” (CHIZIANE, 2002, p. 289), e para isso é fundamental a ajuda dos homens também. E que a vontade de Rami, personagem principal de *Niketche*, “Deus, faz de mim a última mulher da geração do sofrimento.” (CHIZIANE, 2002, p.291), ocorra, tornando a vida das mulheres melhor.

Muitos são os livros que acabam por discutir a situação feminina, tentando representar como são vistas e tratadas. Nesse sentido, um dos últimos livros do escritor Mia Couto, *A Confissão da Leoa*, é significativo, pois retrata com clareza a vida das mulheres rurais em Moçambique.

#### 4 MULHER EM A CONFISSÃO DA LEOA

A *Confissão da Leoa*, de Mia Couto, recebeu sua edição brasileira em 2012, pela Companhia das Letras. É um romance construído com a prosa poética que caracteriza sua obra ficcional. É um livro que modifica o leitor, marcando-o, não saindo o mesmo após a leitura.

O livro começa com uma explicação inicial, em que o autor conta que a história é baseada em fatos reais. Em 2008, a empresa em que ele trabalhava enviou homens para realizar serviços em Cabo Delgado. A região começou a sofrer ataques de leões, levando muitas pessoas à morte. A companhia petrolífera contratou dois caçadores para dar fim aos leões. Depois de algum tempo, eles conseguiram matar os bichos que estavam ameaçando a Vila de Palma. Entre as dificuldades encontradas estava o fato de a população acreditar que os culpados pelas mortes pertenciam ao mundo invisível, assim "aos poucos, os caçadores entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta." (COUTO, 2012, p.8).

Mia Couto acompanhou esses ataques, fazendo visitas ao local atingido. Então, são estes fatos que (pelas palavras do próprio autor) "sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais" (COUTO, 2012, p.8). O escritor do romance é chamado Gustavo Regalo, e pela descrição do caçador Arcanjo Baleiro era "um homem branco, baixo, de barba e de óculos. É um intelectual famoso, várias pessoas param para lhe pedir autógrafo." (COUTO, 2012, p.63). Ele não é outro senão a representação do próprio Mia Couto.

A partir da vivência deste drama, o autor romantiza o ocorrido. Com essa explicação inicial, o leitor já começa a leitura em dúvida sobre o limite entre o que realmente aconteceu e o inventado por Mia. Também sabe que encontrará elementos na obra que uma racionalidade ocidental não acreditaria.

O livro *A Confissão da Leoa* é composto por 16 capítulos, sendo 8 deles "Versão de Mariamar" e 8 do "Diário do Caçador", que se intercalam, o que também caracteriza as obras de maior fôlego de Couto, como, por exemplo, *Terra Sonâmbula*. É narrado em primeira pessoa (Mariamar e Arcanjo Baleiro), seus capítulos recebem o mesmo número e com subtítulos que normalmente se relacionam (como em "Versão de Mariamar (1) - A notícia" e "Diário do caçador (1) - O anúncio"), mostrando suas visões quase sempre sobre os mesmos

acontecimentos, poucas vezes entrando em contradição. É comum também a presença da memória, utilizada como forma de explicar os atos do presente.

As epígrafes são extremamente importantes para a compreensão da narrativa, recurso também utilizado pelo autor, por exemplo, em *Vinte e Zinco*. Em sua maioria são utilizados provérbios africanos, mas há também passagem bíblica e partes do caderno do escritor. Todo capítulo possui uma epígrafe, que serve de abertura e explicação do que está por vir.

Aulus Mandagará Martins (2010), em seu artigo *As margens do texto nas margens do cânone*, trabalha com a importância dos paratextos para a compreensão da obra. Nesse sentido, as epígrafes revelam “uma estratégia cuja intenção é atuar sobre o leitor no sentido daquele texto ser entendido como um texto literário.” (MARTINS, 2010, p.170). Percebendo como integrante do mundo da literatura, o leitor passa a entender a epígrafe como pertencente ao texto, mesmo que estejam em suas margens, ajudando na construção do sentido da obra.

O provérbio utilizado na epígrafe do livro é importante para perceber que a história é sempre contada a partir de algum lado. O provérbio africano é o seguinte: "Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça." (COUTO, 2012, p.9). Com isso, percebemos que a história que segue irá falar sobre a perspectiva do caçador e não da presa.

Mas também fica claro, e esse é o ponto deste trabalho, que se tratando de homem e mulher, o que ganha foco historicamente sempre foi o primeiro. É sob seu olhar que as histórias são contadas. Elas sempre tiveram muitas coisas a contar, mas sua voz foi, por muito tempo (e continua em alguns lugares e algumas ocasiões), silenciada e esquecida. Ao tratar da situação da mulher, como Mia Couto faz em *A Confissão da Leoa*, essa voz aparece e, por mais que seja um homem a contar, as histórias de sofrimento, amor, violência, sonhos acabam invertendo esse paradigma de silenciamento. Elas falam através da narrativa, mostrando a todos seu lado do mundo.

As discussões referentes à situação da mulher são mais comuns nos capítulos em que quem narra é Mariamar, pois acabam expressando como ela vive e como sua família é. Mariamar, Hanifa Assulua (mãe da personagem principal) e Naftalinda são as personagens que mais discutem o papel feminino na obra.

#### 4.1. Uma história: duas visões que se completam

Na aldeia de Kulumani (norte de Moçambique), ataques de leões começam a ser frequentes e assustam a população, sendo todas suas vítimas mulheres. Mariamar, uma das narradoras, conta que "A minha irmã, Silência, foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação." (COUTO, 2012, p.14). A mãe delas, Hanifa Assulua, fica muito preocupada em saber qual parte do corpo da filha foi enterrada, desejando ir ao mato para buscar os restos, atitude que seu esposo, Genito Mpepe, impede.

Hanifa deseja fazer amor com seu marido, mesmo sendo proibido por causa do luto. Genito não aceita, pois esse ato ofenderia aos antepassados e sujaria a aldeia. A mulher deseja justamente isso, sujar a aldeia e o mundo, tamanho o sofrimento que passa. Com a recusa do marido, ela acaba fazendo amor consigo mesma, assim ofende os antepassados e contamina a aldeia.

Genito conta à mulher que as autoridades chamaram um caçador da capital, Maputo, para dar um fim nos leões. Seria o mesmo caçador que há 16 anos esteve em Kulumani para matar um crocodilo. Eles não querem que ele chegue à aldeia, com medo que ele leve sua filha depois, já que tiveram um romance no passado. Mariamar, sendo agora a única filha do casal, com a morte de Silência e das gêmeas Uminha e Igualita, ficaria trancada em casa para que o caçador não a visse.

Arcanjo Baleiro, o caçador, desejava muito ser ele o escolhido pela empresa para acabar com as feras em Kulumani, pois essa seria sua última caçada. A profissão da família, que deu origem ao nome (Baleiro), iria acabar com a caça aos leões. Este homem é perseguido por um passado difícil, "Um tiro de espingarda persegue-me desde a infância." (COUTO, 2012, p.31), seu irmão matou o pai, Henrique Baleiro, quando ele ainda tinha 10 anos, semanas depois da morte da mãe por uma estranha doença, deixando-o órfão. Seu irmão Rolando foi internado em um hospital psiquiátrico depois do acidente, nunca mais falou, nunca mais foi gente.

Arcanjo se considera o último caçador, pois todos os outros seriam matadores, o que para ele tem grande diferença. Com isso,

Não tarda, afirmo, que não sobrem animais. Porque esses falsos caçadores não poupam nem crias nem fêmeas grávidas, não respeitam os períodos de defeso, invadem os parques e as reservas. Gente poderosa fornece-lhes as armas e tudo, para esses matadores, se resume à sagrada trilogia: arma, dinheiro, poder. (COUTO, 2012, p.34)

Ele ganha o concurso, foi o escolhido para matar os leões. Parte para o hospital para contar ao irmão, mesmo fazendo um ano que não o visita. Lá encontra Luzilia, esposa do irmão e enfermeira, por quem nutre um amor. Havia escrito uma carta para ela, um convite para que ficassem juntos, mas foi recusado. Sendo "por causa dela que escrevo este diário, na vã esperança de que, um dia, essa mulher leia os meus atabalhoados manuscritos." (COUTO, 2012, p.35). Rolando, ao perceber que nessa caçada o irmão pretende se desligar da vida, pede à esposa que vá com ele, pois sabe do amor, mas Arcanjo não aceita.

Uma figura de importância significativa na aldeia, mesmo depois de morto, é o avô Adjiru Kapitamoro. Os mortos têm grande importância em Moçambique, "Em Kulumani, todos idolatramos os nossos mortos, todos guardamos neles as raízes dos sonhos." (COUTO, 2012, p.46). Adjiru é o morto maior, irmão mais velho de Hanifa (chamam-se de avô os tios maternos), pois é o *amakulu*, "o nosso mais antigo". Ele era um grande caçador, mas foi despromovido a pisteiro porque não se sujeitou à tradição (que exigia que ele se esfregasse em cinzas de uma árvore por ter matado um homem, mesmo sem intenção, em uma caçada). Genito, pai de Mariamar, era pisteiro devido ao seu mentor. Além de chefe de família, o avô era também autoridade de toda a vizinhança, sua voz era escutada e seguida. Isso porque são os velhos que detêm a sabedoria na cultura africana, sendo a transição entre o terreno e os espíritos. Mariamar era muito importante para Adjiru.

Dois dias depois do enterro de Silência, Mariamar foge, pelo rio, da prisão que sua casa virou pela anunciada chegada dos visitantes (entre eles o seu caçador). Foge por amor, fugir de seu amor. Só o rio lhe restou, pois se tentasse usar a estrada seu pai a pegaria, se usasse o mato, os leões a comeriam.

Durante sua fuga, a embarcação em que estava para em um local sagrado e lá Mariamar vê uma leoa bebendo água. Ao se olharem, foi como se reconhecessem, fazendo-a relacionar o animal à irmã. Aparece o policial Maliqueto Próprio e a vai levando de volta para a aldeia. Ao tentar estuprá-la, é agredido. Mariamar luta como um bicho para se defender, deixando o homem todo machucado. Com isso, ele desiste e a leva de volta. São recepcionados pelo administrador Florindo Makwala e Genito, e ambos a proibem de chegar perto dos visitantes.

Mariamar conheceu Arcanjo 16 anos antes (em 1992), enquanto vendia galinhas roubadas na estrada para conseguir dinheiro para fugir. O policial Maliqueto Próprio a encontrou e exigia explicações, tentando tirar proveito da situação e abusar dela. Mas Arcanjo Baleiro chega e o impede. Ele a chama para fugir com ele e ser feliz, fato que Mariamar nem

sabia o que seria. Ela realiza uma dança para ele e Arcanjo se mostra encantado. Combinam de se encontrar no dia seguinte para seguirem viagem, mas ele não aparece. O romance dos dois não é muito relatado, apenas se sabe que eles tiveram um pequeno relacionamento, que não terminou bem.

No aeroporto, Arcanjo, iniciando o caminho que seria seu fim como caçador, encontra o escritor Gustavo Regalo, que o acompanhará a mando da empresa para fazer uma reportagem sobre o ocorrido. Os dois são muito diferentes e acabam se desentendendo, mas aos poucos um vai sabendo como lidar com o outro e aprendem muito na companhia do parceiro. Eles vão de avião até Pemba, onde o administrador do distrito, Florindo Makwala, e sua esposa, Naftalinda, esperam-os. Nove horas de estrada ainda separam as personagens de seu destino final. Durante a viagem, caçador e Florindo acertam alguns pontos, pois Arcanjo não ia ser usado para interesses políticos (só o que o administrador pensava). Como quem o contratou era a empresa, só a ela que ele devia explicações. Florindo havia recebido ordens de seus superiores: "o povo vota, os bichos não. Há que eliminar rapidamente estes motivos de queixas das comunidades." (COUTO, 2012, p.73).

Ao chegarem a Kulumani, encontram uma grande recepção. Camponeses de outras aldeias foram chamados para que muitas pessoas estivessem presentes na chegada do administrador, do caçador e do escritor, demonstrando assim uma suposta popularidade do governo. Arcanjo expõe que "contra todas as regras de segurança, estes aldeões marcharão de noite, indefesos, de retorno aos seus lares. Mas parece inevitável: a força de um chefe mede-se pelo tamanho da cerimónia de recepção. E Florindo Makwala não queria perder a oportunidade de nos impressionar." (COUTO, 2012, p.76). Mariamar não pôde ir à recepção, pois estava trancada em casa.

Arcanjo e Gustavo ficam hospedados em um quarto no edifício da administração. À noite os dois saem, e o caçador desarma todas as armadilhas, pois não é dessa maneira que caça. Este último vivia uma guerra a cada noite, ao tentar dormir, porque a morte do pai o perseguia.

Hanifa Assulua, mãe de Mariamar, é quem fica designada a limpar e cozinhar para as visitas. Eles se surpreendem, já que ela quase não fala. Só se dirigiu ao caçador para saber se ele vinha buscar alguém em Kulumani, o que ele negou, pois nem se lembrava muito bem de sua antiga passada pela aldeia. O escritor tinha muito interesse nela, já que era a mãe da última vítima dos leões. Ele a enche de perguntas e ela afirma que o leão que matou sua filha estava dentro de casa.

O administrador apresenta o pisteiro Genito Mpepe a Arcanjo e Gustavo, falando que é ele que trabalhará com os dois, avisando que ele é o pai de Silência, mais recente vítima dos leões. O caçador avisa que ele não terá acesso a armas e pede ajuda para conhecer o mapa da região, o que Genito diz que não pode, pois não conhece mapas. Arcanjo percebe que uma grande mágoa, quem sabe até uma raiva, move o pisteiro.

Antes do grande banquete de recepção, os visitantes caminham pela aldeia para conseguir testemunhos. Como já esteve em Kulumani antes, o caçador percebe que esta aldeia cresceu bastante, "são certamente refugiados de guerra, estes que se instalaram nas margens do Lideia." (COUTO, 2012, p.107). Um camponês estranha essa preocupação repentina com essas mortes, dizendo: "Querem saber como morremos? Mas nunca ninguém veio saber como vivemos." (COUTO, 2012, p.108).

O banquete de recepção foi na *shitala*, um alpendre no meio da cidade, onde apenas homens podiam entrar e a tradição reinava. O administrador participou, mas os chefes avisaram que neste lugar ele não comandava. Muitos foram os mal-entendidos, referentes às comidas, a uma suposição que os visitantes seriam feiticeiros e à inveja dos demais aldeões (pelo motivo dos dois visitarem apenas Kulumani).

Uma intervenção acaba por mudar tudo. Naftalinda, mesmo sabendo que aquele lugar era proibido para todas as mulheres, entra e fala que Arcanjo deve caçar os violadores de mulheres, pois estes são a verdadeira ameaça às mulheres. Os leões não matam suas vítimas, pois elas a muito já se encontram mortas.

Ao lembrar sua infância, Mariamar conta que aos 12 anos ficou sem o movimento das pernas. Isso ocorreu bem na época em que era necessário que se escondessem no mato toda noite por causa da guerra. Para brincar, as crianças a carregavam para todos os lugares nas costas. Ela era apontada pela população e condenada, pois passava o dia agarrada nas costas dos meninos, e isso pela tradição era um ato errado. Então, "quanto mais a guerra nos roubava certezas, mais carecíamos da segurança de um passado feito de ordem e obediência." (COUTO, 2012, p.124). O seu avô a levou para a Missão, falando que a deixaria lá até acontecer o milagre de voltar a andar. Depois de dois anos, com a moça já caminhando, seu avô a retirou de lá e levou para casa, mas sua família não demonstrou muita felicidade. Seu avô era o familiar que mais demonstrava carinho, sendo ele que escolheu o nome Mariamar, "Não te dou apenas um nome - disse. - Dou-te um barco entre mar e amar." (COUTO, 2012, p.125).

Hanifa chama Arcanjo durante a noite, porque tem certeza que teria leões em sua casa. Ao chegarem lá, descobrem que na verdade era uma emboscada para que o caçador matasse Genito, que havia saído para comprar bebida e voltaria pelo mato.

A população estava tentando encontrar os fazedores de leões. Ao desconfiarem de Simão Mutapa, que trabalhava na administração, espancaram-no e ele teve que ir embora de Kulumani.

Os homens da aldeia se reúnem e participam de um ritual para os prepararem para ir à caça, porque não queriam que fosse alguém de fora a matar os leões. Ao observar essa ação com Arcanjo, Naftalinda conta que pelo menos 12 homens daqueles que estavam se preparando haviam violentado sua empregada.

Com a pressão para matar logo os leões, Arcanjo sai para caminhar sozinho e encontra uma leoa. Ela vai atacá-lo e ele não consegue apertar o gatilho. O bicho chega perto, mas não o mata, mostrando que não tinha que ser ele sua próxima vítima.

Genito vai se despedir da filha, pois está indo para caça. Como se fosse uma despedida, sabendo que não iria voltar, o pai conta a história da morte do tamarindo, que foi sua mãe (de Mariamar) que transferiu a doença da filha para a árvore, fazendo com que ela ficasse boa.

Ao partirem para a caça, Genito, Arcanjo e Gustavo encontram uma hiena. Ao matarem o animal, percebem que ele estava com um fêmur humano na boca, demonstrando que houve novo ataque dos leões comedores de gente. Como não conseguem descobrir quem foi a vítima, perguntam à feiticeira Apia Nwapa, que responde com um enigma. A vítima foi Tandí, a empregada do administrador. O enterro da empregada violentada e depois morta pelos leões ocorreu e a maioria dos presentes eram mulheres. Gustavo, o escritor, mandou um relatório para a capital falando da violação e da falta de atitude de Florindo perante os fatos.

Arcanjo vai até a casa de Hanifa procurar Genito e ela diz que o marido está bêbado. Demonstra também ao visitante seu desejo de matar seu esposo. Ao ver um vulto, o caçador percebe que existe uma mulher na casa que está se escondendo.

Quando Arcanjo abandonou Mariamar, esta pensou que estava grávida. Mas sua mãe a lembra que isso seria impossível, já que a filha era "seca". O motivo relatado seria uma surra que a moça ganhou do pai, mas, na verdade, foram os abusos sexuais cometidos pela figura paterna que a deixou assim. Genito cometia esses atos abusivos com suas filhas e Hanifa fingia que não via. Quando a mãe confirmou, bateu em Mariamar e a fez tomar uma poção, que deixou a menina um tempo desligada do mundo. Ela só retornou ao cair na água.

Arcanjo dá uma espingarda ao escritor e fala que ele que vai atirar no leão, pois seus dedos já não o obedecem mais, ficando impossibilitado de apertar o gatilho. O caçador pede para Gustavo ficar tranqüilo, que ele vai tomar conta da situação e a sua única ação será atirar. Também pede para manter segredo, pois não quer que todos saibam que ele deixou de ser um caçador.

Luzilia, esposa de Rolando e grande amor do caçador, vai procurar Arcanjo. Conta que o irmão matou o pai por ódio, pois ele havia costurado a vagina de sua mãe antes de ir caçar, e que foi devido a uma infecção que ela morreu. A mulher entrega uma carta de Rolando dizendo que não se arrepende do que fez e que não sofre. Ao chegarem à margem do rio, Arcanjo conta que chegou a namorar uma moça daquela aldeia em outra viagem, mas não se lembra do nome e nem do rosto, apenas que eram duas irmãs. Luzilia mostra a carta que Arcanjo enviou a ela, tempos antes declarando seu amor, e o beija. Assim eles vão para Palma passar a noite juntos, já que ela veio lhe buscar de sua última caçada.

Florindo, o administrador, vai até a casa de Genito e pede que Mariamar vá a sua casa de noite. Todos pensam que o homem deseja passar a noite com ela, sua mãe a prepara para o encontro. Ao chegar lá, Mariamar descobre que Florindo quer ajuda porque sua mulher decidiu se oferecer como isca para os leões, dormindo nua ao relento. Ela só aceitaria mudar sua decisão caso seu marido decidisse fazer algo referente à violação e morte de sua empregada.

Mariamar vai junto com Naftalinda para a rua, para não a deixar sozinha. Uma leoa acaba atacando a primeira-dama, que quando pode fugir do ataque não faz isso. Mariamar ajuda a amiga, lutando com o animal, e a leoa acaba indo embora.

A população ao chegar, depois do ocorrido, acha que Mariamar é a leoa e desejam matá-la. Florindo não deixa e a defende. Ao ver o marido se impor frente à aldeia, Naftalinda percebe que o homem pelo qual se apaixonou voltou. Ouvem-se tiros e todos vão ver o que aconteceu.

Maliqueto (o policial) matou um leão no mato e Genito matou uma leoa na estrada, a mesma que havia atacado as duas mulheres. No confronto com a leoa, o pisteiro acaba morrendo.

Do quarto onde está com Luzilia, Arcanjo ouve os tiros e decide partir para Kulumani. Vai se despedir de todos e partir com seu amor. Ambos estão muito felizes. O administrador encontra o caçador e conta-lhe que Naftalinda está no hospital, que acabaram com dois leões e que Genito morreu. No hospital, Naftalinda pede para Arcanjo levar Mariamar, filha de

Hanifa, para Maputo. Florindo conta que vai renunciar, voltar a ser professor e denunciar os violadores de mulheres.

Mariammar pensa que é uma leoa, que começou a ser um animal quando passou pelo abandono materno. O seu avô lhe disse em sonho, depois de morto, que ela era humana, que a vida sofrida que teve que fez com que ela pensasse que era um animal. Também fala que é mulher sim, que a história de ela ser infértil foi uma invenção dele para que os homens ficassem longe dela. Só não casando que ela poderia sair de Kulumani e ser feliz, o grande desejo de seu avô. Conta-lhe que ele é um fazedor de leão, que os fez para chamar Arcanjo e assim ele a levar embora.

Como acredita que é a leoa, ela relata que matou todas as mulheres e que deseja matar muitas mais, até que só existam homens no mundo. Seria uma espécie de bem, pois elas a muito que estão mortas. Segundo Mariamar, ela que matou suas irmãs gêmeas afogadas e ela que levou Silência até a morte.

Gustavo fala para Arcanjo que ele deve continuar a escrever, que não precisa mais caçar. Esse fato é de grande importância para o caçador,

Um nó me prende a garganta. Gustavo não imagina o valor daquela recompensa. Foi um pequeno bilhete que iniciou minha história com Luzília. Eram as cartas que faziam o meu pai ajoelhar-se perante a mal-amada esposa. Era inveja o que eu nutria por Rolando quando ele permanecia em casa, sentado como um soberano, na companhia de livros. Sempre fui o da rua, o do mato. O que Gustavo me dava agora era uma casa. (COUTO, 2012, p.246)

Arcanjo vai à casa de Hanifa se despedir dela e buscar sua filha Mariamar, como prometeu a Naftalinda. Ao ver os olhos de mel da mulher, reconhece-a. Mariamar está sem fala e o caçador diz que na capital ela vai se tratar. Hanifa lembra que a filha não poderá mais voltar, pois o povo acha que ela tem ligação com os leões. Mariamar só leva o "Diário de Mariamar".

Ao se despedirem, mãe e filha, Hanifa passa o colar, corda do tempo, utilizado a gerações para contar os meses de gravidez. Mariamar se emociona e deixa cair o seu diário, fazendo com que Arcanjo leia a primeira frase do livro. Hanifa Assulua confessa a Arcanjo Baleiro que ela era o terceiro leão, e que isso será o segredo deles, já que ele sempre soube que eram três e não dois.

Diversos aspectos podem ser percebidos na leitura desta obra. São marcantes: a presença do mundo dos invisíveis, o papel simbólico da água, a importância do mundo animal e a representação da mulher. Este último será analisado a partir de agora.

## 4.2 Visão positiva da mulher

O romance *A Confissão da Leoa* inicia da seguinte forma: "Deus já foi mulher." (COUTO, 2012, p.13). A explicação para tal afirmação estaria na lenda da criação do mundo, em que Deus antes de abandonar sua criação e ser chamado de Nungu, o Senhor do Universo, era como as mães, por isso já foi mulher. Essa aproximação com o papel feminino mostra a importância que já foi concebida à mulher.

Claro que, assim como presente na epígrafe inicial do livro, a história sempre terá mais de uma versão, e não são todas que põem a mulher nesse papel no surgimento do mundo. Por exemplo, o mito da fundação da tribo (Kulumani) dizia que "uma escultura de madeira, enterrada pelo primeiro homem na areia da savana, se convertera na primeira mulher." (COUTO, 2012, p.122). Então, assemelhando-se à versão bíblica, a mulher só surgiria a partir de uma ação masculina, perdendo assim a centralidade dos atos femininos.

Outro papel importante das mulheres seria a formação do céu, que nunca está acabado, pois "São as mulheres que, desde há milênios, vão tecendo esse infinito véu. Quando seus ventres se arredondam, uma porção do céu fica acrescentada." (COUTO, 2012, p.13). Esses conhecimentos acerca do mundo são passados de geração em geração na aldeia de Kulumani, normalmente pelas próprias mulheres. Segundo Mariamar, essa seria a razão pela qual Hanifa Assulua, sua mãe, olhava tanto o céu durante o enterro de sua filha Silência, porque sabia que agora, com a morte de sua filha, uma parte do firmamento deixou de existir.

Continuando a relação com a natureza, uma das colocações presentes na obra é o papel da mulher na formação dos homens, "A minha mãe costuma dizer que a água arredonda as pedras como a mulher molda a alma dos homens." (COUTO, 2012, p.54). Essa moldagem pode ocorrer tanto pelo lado materno (com os ensinamentos, tradições que a mãe ensina), como pelo relacionamento amoroso, na medida em que as mulheres conseguiriam moldar seus parceiros. Isso muitas vezes não acontece.

As mulheres de Kulumani são detentoras de segredos que os homens desconhecem, fazendo-as donas de conhecimentos que eles não podem ter. Um exemplo é que assim como no ventre as crianças mudam de posição, o mesmo aconteceria com os mortos na noite do seu enterro. Então, "Por essa razão, que Genito desconhecia, Hanifa recusou leito e travesseiro. Estendida no solo, ficou escutando a terra. Não tardaria que a filha se fizesse sentir." (COUTO, 2012, p.18). Nesses momentos as mulheres consideram-se mais fortes que os

homens, pois é a elas que é reservado esse tipo de conhecimento. São elas também, na grande maioria das vezes, as responsáveis pelos relatos e conselhos.

Segundo Jean Ziegler (1996, p.157),

Em todas as sociedades humanas e especialmente na África sub-saariana, as mulheres detêm um poder formidável: elas são as depositárias dos valores fundadores da sociedade, as guardiãs do saber íntimo dos homens. De geração em geração, elas transportam a identidade de um povo. São as mulheres que abrigam a memória coletiva não-ritualizada e, portanto, a mais profunda. São elas que dão a vida, asseguram sua permanência, sua expansão sobre a terra. Elas são o reservatório, o conservatório dos bens simbólicos.

Ou seja, é a mulher que tem o papel de transmissora dos costumes e da própria vida, já que sem elas o mundo estaria acabado.

Muitas vezes ela assume o papel de salvadora, como a responsável pela vida do outro. Essa visão deixa-a com tamanha importância, já que depende dela salvar o homem. Arcanjo Baleiro tem esse tipo de sentimento com Luzilia, pois seria seu grande amor, só ao lado dela estaria feliz e seguro. Quando Rolando percebe que Arcanjo quer que a caçada dos leões seja a última, despedindo-se assim da vida, "Em desespero, o meu irmão entregava-me uma razão para eu continuar apegado à vida. Essa razão era a única mulher que ele alguma vez tinha amado." (COUTO, 2012, p.40). Luzilia, então, seria a única pessoa capaz de salvar o caçador.

O próprio Arcanjo sabe desse papel desempenhado por sua amada, tanto que sonha com isso, "uma doce sonolência me invade: como eu queria ser salvo! Deixar-me soçobrar, como um afogado, nos braços de um salvador. Emendo, de uma salvadora, Luzilia." (COUTO, 2012, p.74). Um papel de grande responsabilidade.

O amor entre marido e mulher não é comum na obra, mas em alguns momentos ele aparece, como no seguinte trecho

[...] lembro as cartas de amor que o meu pai ditava a minha mãe. (...) Martina Baleiro, minha mãe, fazia-se bonita para as suas redações. Aquele era o único momento em que ela recebia palavras bonitas da parte do seu homem. Apenas naquele momento ele lhe surgia manso, quase submisso, como se pedisse perdão. (COUTO, 2012, p.65)

Essas cartas, Henrique Baleiro levava nas viagens, juntamente com uma fotografia da esposa, mostrando assim existir alguma espécie de sentimento e ligação. Era o momento em que ele mostrava uma deficiência que possuía (não saber escrever) e pedia auxílio à mulher. Ela esperava por esses momentos, pois eram os únicos em que ela recebia palavras bonitas, que

falavam de um carinho e amor que ela não vivenciava no dia a dia. O homem era também muito ciumento, o que explicaria atitudes futuras.

Arcanjo, em outro momento, tenta dançar com Mariamar e ela não aceita, dizendo

*- Eu não danço consigo. Eu danço para si. Fique sentado e veja como me torno uma rainha.*

Submisso, obedeceu. A realidade, essa, deixou de me obedecer. Porque me vi dançando nua no pátio, rebolando no chão, pouco a pouco perdendo a humana compostura. Arcanjo tombou rendido, sem fala, sem gesto. Vê-lo assim, frágil e indefeso, me fez ser mais mulher. Murmurei doçuras ao seu ouvido e ele se dissolveu no meu regaço. Nem notámos que a fogueira se tinha apagado: um outro fogo se acendera dentro de nós. (COUTO, 2012, p.159)

Ao ser arrebatado pelo amor, o homem sente-se submisso, frágil, sendo um dos únicos momentos em que isso acontece. Mariamar sabe desse poder, assim como Martina sabia, pois a primeira relata que irá se tornar uma rainha e a segunda se arrumava toda para o ditado das cartas.

Mariamar, ao lembrar seu encontro com Arcanjo, afirma que

Há dezasseis anos atrás, quando Arcanjo Baleiro me olhou dançando na festa da aldeia, era já a incerteza que nele morava. O caçador tinha medo do que o meu corpo dizia, tinha medo de quem falava pelo meu corpo enquanto os batuques rufavam. Para ele, que não conhecia essa língua, só podiam ser forças obscuras. Os demónios falam assim, sem palavra, tudo dizendo na volúpia dos corpos. Esse era o seu receio. Mas não eram demónios que me faziam estremecer o corpo. Eram deuses que dentro de nós, mulheres, falam e escutam. O receio de Arcanjo era o mesmo de todos os homens. Que regressasse o tempo em que nós, mulheres, já fomos divindades. Ao se enleiar em mim, com a suavidade de brisa, Arcanjo queria proteção e graça dessas entidades. (COUTO, 2012, p.185)

Ao aproximar novamente a figura feminina à das deusas, fica a importância da mulher. É nela que os homens encontrariam proteção e graça. Mas é presente também o medo de que elas voltassem a ser divindades, pois com isso toda a estrutura social deveria mudar.

O avô Adjiru era um escultor de máscaras, fazia-as toda a noite, escondido. Suas obras "retratavam invariavelmente mulheres: as deusas que já fomos não queriam ser esquecidas. As mãos dos homens diziam aquilo que as suas bocas não ousavam pronunciar." (COUTO, 2012, p.85). Com suas esculturas, o avô dava o valor que as mulheres realmente tinham e que não recebiam no dia a dia pelos seus maridos, filhos, pais, amigos.

Algumas personagens femininas acabam por ter alguma voz de comando, tendo sua opinião respeitada em algumas (poucas) ações. Este é o caso de Naftalinda: "O tom de voz de Naftalinda ajusta-se ao seu estatuto: tem essa doçura de quem sabe tanto o que quer que nem precisa mandar." (COUTO, 2012, p.69). Essa cena ocorre quando a mulher está junto de seu

marido, do caçador e do escritor. Então nesse momento sua voz tem alguma importância, principalmente porque não está em contato direto com a sociedade tradicional da aldeia. É importante salientar que isso não é a regra. Os homens que mandam normalmente, e, até pensando no caso da primeira-dama, que consegue mandar em algum momento, logo volta à sua posição de submissão ao sexo masculino.

Nas últimas páginas do romance, quando está assistindo à despedida de Mariamar e Hanifa, Arcanjo Baleiro se emociona e conclui: “Naquele momento estou rodeado de deusas. De um e do outro lado da despedida, naquele rasgar de mundos, são mulheres que costuram a minha rasgada história.” (COUTO, 2012, p.250). A vida de todos os homens é repleta de mulheres, mas quase sempre não se dá valor a elas.

Para que mudanças significativas ocorram, é necessário que o público feminino seja valorizado, porque “toda mudança social passa pelas mulheres. A mudança coletiva dos valores sociais dominantes, como o mais íntimo, mais secreto das motivações e referências simbólicas individuais.” (ZIEGLER, 1996, p.162).

### **4.3 Vida sofrida da mulher**

A mulher assume muitos papéis. É mãe, esposa, filha, irmã, amiga, empregada. Não importando a posição em que esteja algo infelizmente a acompanha: o sofrimento. Muitos são os motivos que levam a que a vida do sexo feminino seja repleta de tristezas, entre eles a violência (física, psicológica, sexual) e a submissão ao homem e às tradições.

Uma fala de Silência a Mariamar demonstra parte do sofrimento que as mulheres passam em Kulumani: “Não queira crescer, mana, não queira ser mulher.” (COUTO, 2012, p.125). A narradora queria que seus seios crescessem logo, queria ser mulher, mas sua irmã mais velha avisou-a que crescer não era bom, iria enfrentar diversas coisas que não seriam boas.

Um provérbio do Senegal é utilizado como epígrafe do capítulo "Versão de Mariamar (2) - O regresso do rio" do livro em análise, segundo ele: "O verdadeiro nome da mulher é 'Sim'. Alguém manda: 'não vais'. E ela diz: 'eu fico'. Alguém ordena: 'não fales'. E ela permanecerá calada. Alguém comanda: 'não faças'. E ela responde: 'eu renuncio'." (COUTO, 2012, p.41). Nesse trecho fica clara a submissão que a mulher é obrigada a enfrentar, já que não aprendeu outra opção. Mostra o poder do homem em controlar o que ela fala, faz, onde

fica, enfim, tudo. Ela acaba por renunciar a tudo, existindo apenas para servir ao outro, nunca pensando em si mesma.

Em uma conversa, em que pai e mãe dialogam sobre a chegada do caçador em Kulumani e o risco de Mariamar ir embora com ele, Genito fala "*-Prefere que Mariamar seja morta por leões?*" A mulher não respondeu. Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir?" (COUTO, 2012, p.24). Essa passagem demonstra que as mulheres são educadas para obedecerem, não lhes restando alternativa. Elas não aprendem a dar sua opinião, a perceber o que desejam, por isso acabam apenas obedecendo, submetendo-se a tudo, para elas é a única opção.

Em outro trecho, Mariamar relata que "Se fosse dona da sua vontade, a nossa mãe teria fugido para longe, numa correria sem fim. Mas Kulumani era um lugar fechado, cercado pela geografia e atrofiado pelo medo." (COUTO, 2012, p.21). Ou seja, elas não são suas próprias donas, já que sempre devem obedecer e acabam pertencendo a algum homem (ao pai até o casamento e depois ao marido). Interessante a aproximação da geografia com o medo, porque mesmo que por alguns momentos passe em suas cabeças romper esse ciclo e tentar ser feliz, o medo e a insegurança de ir contra ao que sempre lhes foi passado é muito grande.

Como quase não possuem direitos, e sempre ficam a mando de algum homem, é difícil que elas partam em busca de felicidade. Mariamar foge de casa, mas sabe que não poderia, então conclui que "Viajo contra o destino, mas a favor da corrente." (COUTO, 2012, p.49). A corrente do rio tenta ajudá-la, mas acaba por ser descoberta e é obrigada a voltar para sua casa (prisão).

Em muitas culturas a mulher é vista em uma posição inferior. Tratando-se de África, em especial Moçambique, essa relação não muda. Os costumes da terra, crenças, tradições acabam por tratar o homem com toda a superioridade, sobrando à mulher viver submissa. Então, "O conceito de igualdade entre os esposos é completamente estranho quer às relações conjugais tradicionais, quer às dos colonialistas portugueses. É aceite, de forma geral, tanto pelo marido como pela mulher, a opinião de que é o marido que dirige a casa e que a esposa lhe deve obedecer." (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.54). Mais de 35 anos da independência do país já se passaram, mas práticas como essas ainda são vistas e aceitas pela comunidade, pois modificar essa visão só seria possível através de um forte trabalho de conscientização sob aspectos da tradição africana, que coloca a mulher em um lugar desprestigiado.

As mulheres ainda hoje aprendem que o que devem fazer é obedecer ao homem sem nenhuma condição. Antes de se casarem, elas devem respeitar e aceitar qualquer ordem de seus pais. Depois do casamento, começam a pertencer a seus esposos, permitindo a eles qualquer tipo de ato. Mariamar vive sob o regime de seu pai, que controla sua vida, seus atos, e tenta, inclusive, domar seus pensamentos. Hanifa e todas as mulheres de Kulumani, com o tempo, são mortas pelos seus maridos, que ao controlarem tanto suas vidas, acabam deixando-as sem vida nenhuma.

Hanifa conta para Arcanjo, quase ao final do romance, que seu marido é um bêbado e que ela que dá a bebida para ele, pois “Para as mulheres de Kulumani, mais vale um bêbado que um marido. No seu caso, porém, a escolha é entre o cuspo da serpente e o hálito do demônio. A violência de Genito, quando sóbrio, acaba por doer mais do que a sua crueldade nos momentos de embriaguez.” (COUTO, 2012, p.176). Esse trecho demonstra a presença da violência na vida das mulheres em Kulumani, fazendo com que elas prefiram seu marido alcoolizado ao estado normal.

A violência em suas mais diferentes formas é fortemente representada em *A Confissão da Leoa*. As mulheres são agredidas física e verbalmente, violentadas. Esses crimes acontecem em qualquer parte do mundo, mas em Kulumani (parte rural de Moçambique) isso não é considerado crime e fica sem punição. Isso porque, pela noção de inferioridade e submissão feminina, é como se as mulheres fossem propriedade masculinas e não necessitassem ser respeitadas.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), violência é o uso intencional da força física ou do poder, concretizado ou não, que resulte em morte, lesão, abalo psicológico ou qualquer tipo de privação. Os principais tipos de violência praticados contra a mulher são a física, sexual e psicológica.

A OMS (2002) define violência física como toda ação ou omissão que leve a um dano corporal, estando ou não especificado em lei. Já violência sexual, segundo a mesma organização, é qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentário ou investida, que não sejam autorizados pela mulher, podendo ser praticados por qualquer pessoa, não importando sua relação com a vítima (esposo, pai, irmão, tio, chefe, amigo). Violência psicológica é a ação ou omissão que deseja controlar as ações, crenças, comportamentos ou decisões femininas, através de intimidação, ameaça, humilhação.

Segundo o governo de Moçambique (2008, p.8), em seu *Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher*, os atos de violência física mais comuns são

[...] as ofensas corporais voluntárias simples (esbofetear, pontapear, morder ou esmurrar), outras ofensas qualificadas (espancamentos que resulte em sangramento) e ameaças à integridade física. A principal forma de violência sexual no país é ser forçado a ter uma relação sexual com qualquer parceiro (estupro, assédio sexual, sucessor do falecido). Por sua vez, violência psicológica é tida como a que mais ocorre no país, pois que antes de ocorrência de qualquer uma das duas violências anteriormente citadas, ocorre primeiro a violência psicológica.

Em 2007, segundo o mesmo plano feito pelo governo, quase oito mil mulheres foram vítimas de algum tipo de violência doméstica. Mas este dado acaba por não representar a realidade do país, porque, na grande maioria dos casos, as vítimas não apresentam qualquer queixa à justiça.

Isso ocorre porque culturalmente lhes é ensinado que esse tipo de prática é comum e deve ser aceita. Assim, as mulheres, não conseguem pedir ajuda, ou quando pedem não recebem respostas positivas, porque existe o imaginário de que o homem pode fazer tudo com a mulher.

Não há no livro nenhuma descrição de cena em que um homem espanque uma mulher, existem apenas menções a esses atos. Em uma discussão de Genito e Hanifa, "O homem agarrou-a pelos pulsos e empurrou-a de encontro ao velho armário, derrubando a lamparina. (...) Decidi intervir, em defesa da minha mãe. Ao me ver sair da penumbra, as fúrias redobraram em meu pai: ergueu o braço, pronto para impor seu reinado." (COUTO, 2012, p.25), mostrando o uso da força contra a esposa e a tentativa de bater na filha, o que acaba não ocorrendo. Muitas vezes esses atos não são considerados como agressões pelos envolvidos, já que os homens estariam no direito de fazer essas ações.

Logo após o momento relatado acima, o pai responde a Mariamar: "*-Vou dizer-lhe uma coisa, escute bem – declarou, zangado, nosso pai. -Não olhe para mim enquanto falo. Ou já perdeu o respeito? Baixei os olhos, como fazem as mulheres de Kulumani.*" (COUTO, 2012, p.25). O pai não bate na filha, mas a coloca no lugar que ele acredita ser dela, em que nem olhar para o outro seria possível, já que seria falta de respeito. As mulheres de Kulumani baixam os olhos para os homens, aceitam tudo que eles lhes obrigam a passar, pois não veem outra forma de viver.

A agressão verbal aparece em muitas partes da história, sendo comum os homens tratarem suas esposas e filhas de maneira inadequada. A forma de tratamento é tão agressiva e opressora que as personagens estranham quando recebem outro tipo de fala, como em

Naquele momento, anichando-se junto dela, o marido falou-lhe com suavidade a que ela não estava habituada, cada palavra uma nuvem reparando os céus.  
 - *O que fazemos agora? Ora, agora... agora vivemos, mulher.*  
 - *Eu já não sei viver, ntwangu.*  
 - *Ninguém sabe. Mas é isso que a nossa filha nos pede: que vivamos.* (COUTO, 2012, p.16).

A suavidade utilizada pelo marido chamou a atenção de Hanifa, pois habitualmente o homem não a tratava dessa forma.

Até mesmo a forma de chamar seu marido mostra uma inferioridade, "Como todas as mulheres de Kulumani, chamava o marido por *ntwangu*. (...) Por razão de respeito, porém, a mulher nunca se dirigia a ele pelo nome. Éramos assimilados, sim, mas pertencíamos demasiado a Kulumani. Todo o nosso presente era feito de passado." (COUTO, 2012, p.16). Enfim, não podiam pronunciar o nome de seu esposo, pois isso seria lhe faltar o respeito. Deveria seguir essa tradição, porque faziam parte de Kulumani, não sendo possível ir contra.

A violência sexual é uma das causas principais de todo o sofrimento vivenciado pelas mulheres. São abusadas por pais, autoridades, por um grupo de homens. As consequências de tais atos têm importância significativa na obra, já que é por serem estupradas que o presente acontece daquela maneira (falta de relação com o pai, possível infertilidade, última morte pelo leão, falta de confiança no policial).

A exploração sexual de mulheres sempre ocorreu. No regime colonial, com a chegada dos portugueses, intensificou-se bastante, já "Não era seguro para as jovens andar nas estradas (...) houve numerosos exemplos de raparigas e mesmo de mulheres casadas que eram levadas pelos colonialistas, que permitiam à polícia africana os mesmos privilégios." (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.20). Com a independência, essas práticas não acabaram, mesmo com diversas tentativas por parte do governo e de organizações.

Segundo a OMS (2012, p.11), "A violência sexual pode ocorrer em qualquer idade – incluindo durante a infância – e pode ser perpetrada por pais, provedores de cuidados, conhecidos e estranhos, bem como parceiros íntimos.". Percebe-se claramente na narrativa o abuso por parte de todos os citados.

A polícia, pela sua posição de poder, acaba sendo uma das praticantes de tal crime. Maliqueto Proprio, em *A Confissão da Leoa*, é o personagem que tenta abusar de Mariamar

por duas vezes, mostrando que para ele tal ato não era considerado errado. Muitos homens acreditam que o corpo feminino pode pertencer a qualquer um, não dando valor à mulher. Os estupros são baseados na satisfação sexual masculina, sem a mínima preocupação com a destruição da vida da vítima. O policial Maliqueto Próprio, portanto, é um dos personagens que vê o corpo da mulher como sua propriedade, como se pudesse usá-lo à vontade. Utiliza de seu poder para conseguir o que almeja. Ele possui um desejo de ter Mariamar, e tenta em dois momentos atingir seus objetivos.

Quando Mariamar ainda era uma menina e vendia galinhas (que roubava de um galinheiro) para tentar fugir da aldeia, o policial a encontrou e falou que ela iria sofrer as conseqüências. Nessa passagem, acontece o seguinte diálogo:

*- Bem sabe que não há esquadra em Kulumani. Eu tenho meus próprios calabouços. Os abusos de Maliqueto eram por demais conhecidos. Naquele momento o seu turvo olhar apenas confirmava as suas malévolas intenções. A luz faltou-me, as pernas fraquejaram-me. O cano da espingarda encostada nas minhas costas não me autorizava demoras.*  
*- Por favor, não me faça mal. (COUTO, 2012, p.51).*

O policial queria usar de seu poder e sua força para transar com a menina. Ela pedia para que ele não fizesse nada, pois já imaginava o que lhe esperava. Tal ato não é concretizado, pois chega Arcanjo em uma moto e impede Maliqueto, fazendo com que a menina se sentisse muito grata. Mariamar esteve muito perto de ter um fim como de muitas mulheres em Kulumani, fim que mesmo que não seja da vida, é da sua alma.

Na sua tentativa de fuga de Kulumani pelo rio, logo após ver a leoa na margem bebendo água, Mariamar é surpreendida por uma figura masculina, que no início não reconhecia, só ao falar que a mulher percebe que se trata do policial. Maliqueto vai levando sua embarcação de volta à aldeia, mas para no meio do caminho,

*- Você deve-me alguma coisa, Mariamar. Não se lembra? Aqui é um bom lugar para cobrar o que me deve.*  
 Vai-se libertando da roupa, enquanto se aproxima, rastejante e baboso. (...) Para meu próprio assombro, toda eriçada, avanço sobre Maliqueto, gritando, cuspidando e arranhando. Entre temor e espanto, o polícia recua e constata, horrorizado, os fundos rasgões que lhe causei nos braços. (COUTO, 2012, p.58)

O homem tenta cobrar aquilo que em sua cabeça ela lhe ficou devendo. Como estariam em um local deserto, em que Mariamar não teria como pedir ajuda, ele resolve atacá-la novamente. Mas a moça luta com ele, com uma força que até a ela espantou. Defendeu-se dos abusos masculinos e conseguiu evitar o crime. Ao se ver todo machucado, Maliqueto desiste e

ainda fala (quando volta e encontra o pai de Mariamar e o administrador) que seus ferimentos são em virtude de árvores.

Mariamar consegue se defender e impedir a atrocidade, mas a maioria das mulheres não consegue. Foi o que aconteceu com Tandi, a empregada do administrador e de sua esposa Naftalinda. O abuso e suas consequências são tão mascarados que Florindo fala que sua empregada Tandi está incomodada, mas sua esposa estava decidida a lutar contra os homens que lhe fizeram mal. Ela explica para o caçador Arcanjo e para o escritor, "Só para que fique claro: incomodada quer dizer atacada, quase morta. E não foram os leões que o fizeram. A maior ameaça, em Kulumani, não são as feras do mato. Tenham cuidado, meus amigos, tenham muito cuidado." (COUTO, 2012, p.98). No trecho selecionado, além de iniciar uma explicação sobre o episódio envolvendo Tandi, ela retrata algo que é comum em sua fala: os verdadeiros inimigos da aldeia não são os leões, e sim os homens.

Ao ver a cerimônia em que os homens se preparavam para ir à caça, Naftalinda percebe que nessa ocasião estavam presentes 20 homens, então, em um diálogo com Arcanjo, conta o ocorrido:

- *Os outros eram doze.*
  - *Os outros? Que outros?*
  - *Os que mataram Tandi, a minha empregada. Eram doze. Alguns desses estavam aqui dançando à vossa frente.*
  - *Mataram-na?*
  - *Mataram a alma dela, ficou só o corpo. Um corpo ferido, uma réstia de pessoa.*
- Relatou o que sucedera: inadvertidamente a empregada atravessou o mvera, o acampamento dos ritos de iniciação dos rapazes. O lugar é sagrado e é expressamente proibido a uma mulher cruzar aquele território. Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. Quem, em Kulumani, tem coragem de se erguer contra a tradição? (COUTO, 2012, p.148).

O relato feito pela primeira-dama mostra a crueldade dos homens que abusaram de Tandi apenas por ela passar por um local, que mesmo sendo considerado sagrado para eles, não justificaria tal ato. Doze homens abusaram dela e a deixaram morta, já sem vontade de viver. Fala, novamente, que o leão não está no mato e sim na aldeia. A empregada acabou sendo a última vítima dos leões, pois "Depois de ser violada, a moça tinha-se convertido num vashilo, um desses seres sonâmbulos que atravessam as noites. Assim, exposta e solitária, ela se entregou à voracidade dos leões. Tandi tinha-se suicidado." (COUTO, 2012, p.175). Os leões apenas terminaram com o sofrimento que os homens começaram.

As violações não ocorriam apenas por pessoas desconhecidas ou com uma pequena relação, dentro do próprio ciclo familiar elas ocorriam. São freqüentes abusos cometidos pelos próprios pais, foi o que ocorreu com Mariamar. A moça acreditava-se infértil, e isso em Kulumani era um grande problema, pois “Uma mulher infértil, em Kulumani, é menos que uma coisa. É uma simples inexistência.” (COUTO, 2012, p.121). Para a comunidade o motivo era porque Hanifa não tinha feito os ritos de iniciação, como era assimilada, nunca deixando de ser menina. Mas a mãe falava para todos que Mariamar não podia ter filhos por causa de uma pancada que recebera do pai.

Mas a verdade era outra, e nem sempre poderia ser revelada, mesmo que acontecesse em quase todas as casas. O que realmente aconteceu, conforme o relato de Mariamar,

Não foram os castigos físicos que me fizeram estéril. Essa era a versão adocicada inventada por minha mãe. O crime foi outro: durante anos, meu pai, Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Minha irmã sofreu calada, sem partilhar esse terrível segredo. Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. (...) Já bem bebido, entrava no nosso quarto e o pesadelo começava. O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado do meu pai.” (COUTO, 2012, p.187)

Ao tentar se escapar do mundo, Mariamar tentava não ficar órfã. O pai, sem reconhecer o limite, que suas filhas não deveriam ser vistas como mulheres que poderia desfrutar, abusava delas ainda quando crianças, quando começavam a se tornar mulheres. Tais atos acabam traumatizando as mulheres e têm muitas conseqüências futuras.

Mesmo com todos comentando, a mãe, Hanifa Assulua, fazia de conta que não sabia, que era inveja da comunidade, ou, ainda, uma forma de esconder o que na verdade acontecia em suas casas (visto que na aldeia essas atitudes eram aceitas, não deveria ser diferente do que acontecia na casa de Mariamar). Quando Hanifa não pôde mais negar e aceitou o que acontecia, perguntou a filha se era verdade, tendo apenas o silêncio como resposta. Os atos da mãe a partir da confissão nunca seriam imaginados pela filha,

Sem qualquer reação, fitei-a, saltando sobre mim, agredindo-me com socos e pontapés, insultando-me na sua língua materna. O que ela dizia, entre babas e cuspos, era que a culpa era minha. Toda a culpa apenas minha. (...) era eu que provocava seu homem. Não se referia a Genito como ‘o meu pai’. Ele era, agora, ‘o seu homem’. (COUTO, 2012, p.188)

Deixando de lado seu papel de mãe e apenas seguindo seu instinto de esposa, Hanifa culpa a filha pelo ocorrido. A mulher fez Mariamar tomar uma poção que a deixou como morta como

forma de vingança. Mariamar só volta à “vida” ao cair no rio, que seria como se nascesse novamente.

Ainda com Mariamar ocorreu um mal-entendido já quase no final do livro. O administrador vai até a casa de Hanifa e Genito e pede que Mariamar vá dormir na casa dele. Genito aceita, sem pensar no que pode acontecer com a filha, pois prestar um favor a uma autoridade era muito importante. As mulheres tentam contrariá-lo,

– *Pai, não me faça isso. Por amor de Deus, eu não quero...*  
 - *Você não tem que querer.*  
 - *Mas, ntwangu, por favor, pense bem – declara minha mãe, agindo inesperadamente em minha defesa. – Esse Florindo, esse verme rasteiro...*  
 Mpepe não permite argumento. Que nos calássemos. (...) Em silêncio, a minha mãe prepara-me os banhos, veste-me e penteia-me. (COUTO, 2012, p.213)

Mesmo Hanifa defendendo a filha, Genito decide que Mariamar vai para a casa de Florindo. A mulher prepara a filha, pois sabe qual o motivo que a levará até o administrador. A narradora fica surpresa com a atenção da mãe, pois normalmente ela não demonstra carinho nem cuidado. Quando Mariamar chega ao seu destino, descobre que o homem não queria ter nada com ela, e sim necessitava de ajuda com sua esposa. Mesmo assim, o importante é que todos acreditavam que ele queria ter relações com ela e mesmo assim deixaram, pois depois poderiam tirar proveito de tal favor. Ou seja, a mulher nesse jogo virou apenas uma forma de se ganhar uma recompensa.

Não se tratando mais de abuso sexual, mas sim de práticas realizadas pelos homens para controlar a sexualidade das mulheres, o livro retrata um costume muito cruel. Luzilia conta a Arcanjo Baleiro o que realmente aconteceu com sua mãe: “na língua de Manica, o termo *kusungabanga* significa ‘fechar à faca’. Antes de emigrar para trabalhar há homens que costumam a vagina da mulher com agulha e linha. Muitas mulheres contraem infecções. No caso de Martina Baleiro, essa infecção foi fatal.” (COUTO, 2012, p.203). Esse seria o motivo pelo qual Rolando matou o pai, pois sabia disso e via o sofrimento da mãe. Enquanto todos achavam que tinha sido uma doença que matou Martina Baleiro, na verdade foi a tradição, que permitiu que isso ocorresse. Como era muito ciumento, Henrique (pai do caçador), quando ia para a caça, fazia essas práticas.

Em 2008, a Organização Mundial da Saúde elaborou uma declaração conjunta em que 10 entidades se comprometeram em lutar contra a mutilação genital feminina. O documento, intitulado *Eliminação da Mutilação genital feminina*, define tal prática como qualquer “intervenção que envolva a remoção parcial ou total dos órgãos genitais femininos externos

ou que provoquem lesões nos órgãos genitais femininos, por razões não médicas.” (OMS, 2008, p.6).

Partindo dessa definição e das divisões propostas em tal declaração, percebe-se que o ato praticado por Henrique Baleiro em sua esposa, Martina, pode ser incluído na definição de mutilação genital feminina, já que foi um crime que lesionou a mulher, desejando controlar sua sexualidade.

No livro não há nenhuma outra menção direta à prática de mutilação, apenas é mencionado que em Kulumani os ritos de iniciação eram comuns. Em alguns lugares, os ritos de iniciação incluem algumas técnicas de mutilação, que supostamente trariam mais prazer ao parceiro.

A adoção da tradição acaba por colocar a mulher em uma posição de inferioridade. Ela é, muitas vezes, considerada culpada pelos mais diversos atos. Em alguns rituais ela é obrigada a se submeter a mudanças na sua fisionomia, para mostrar que passa por algum momento difícil (como em caso de morte, tanto do marido como de filhos, devem raspar o cabelo). Mariamar relata que "No regresso do funeral reparei como era bela: mesmo com o cabelo rapado, em obediência ao luto" (COUTO, 2012, p.15). Ou seja, mesmo sendo cristãos, há rituais a que precisam se submeter. A filha mesmo assim consegue achar a mãe bonita, mostrando como aceitam essa tradição e não a questionam.

Um ato comum em famílias que ainda seguem fielmente a tradição é deixar as mulheres sem nada após a morte de seus esposos. Isso é permitido porque “Os direitos de propriedade nas relações conjugais estão ligados diretamente à relação entre os esposos. Na relação de superior/inferior que existe presentemente o marido possui toda a propriedade familiar.” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.56). Após ficar viúva, a família do homem pode pegar todas as propriedades, pois elas não pertenceriam à mulher e nem aos filhos. Tais atos pela lei do país não seriam permitidos, mas, assim como várias outras práticas, a tradição acaba passando por cima da constituição.

Todas essas dificuldades a personagem principal do livro *Niketche*, de Paulina Chiziane, passa. Rami, após ficar supostamente viúva, tem o cabelo raspado e a família de Toni leva tudo que havia na casa do casal.

Hanifa sabe que isso pode acontecer com sua família, por isso que não aceita a presença dos familiares de Genito em sua casa. Ela fala para Genito: "Não quero mais aqui nenhum dos seus familiares. Correm hoje para as condolências. Amanhã, quando eu ficar viúva, correrão mais depressa para me roubarem tudo." (COUTO, 2012, p.23). Durante o

enterro da filha Silência, eles parecem muito abalados e querendo ajudar, mas, quando tiverem oportunidade, deixarão a família sem nada. Como a mulher não é considerada uma pessoa com direitos, acaba sendo prejudicada quase sempre.

Em alguns rituais as mulheres não podem participar, sendo apenas aceita a presença masculina. Depois da morte de Silência, ficamos sabendo que houve algum ritual em sua casa, mas que Mariamar (a irmã) e Hanifa (a mãe) não puderam fazer parte. A narradora diz, "Na noite anterior, em nossa casa a ordem tinha sido ditada: as mulheres permaneceriam enclausuradas, longe dos que iriam chegar. Mais uma vez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas." (COUTO, 2012, p.43).

Uma passagem significativa é a seguinte:

O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. (...) Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exhibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. (COUTO, 2012, p.26).

Para Mariamar a ordem do universo era as mulheres no chão, maior sinônimo de sua inferioridade. Elas agiam assim porque foram educadas dessa forma e não viam condições de mudanças. Ela sabe que essa submissão Deus não ensina e nem os homens conseguem explicar.

Um dos locais em que pela tradição mulher nenhuma poderia entrar é a *shitala*, um alpendre que tinha no centro da aldeia. Lá apenas os homens se reuniam. Mariamar, quando criança, ia neste lugar com seu avô, mas isso só acontecia porque Adjiru era uma figura tão importante na aldeia que ninguém iria contra. Nessas ocasiões, o avô inclusive fazia com que todos os homens escutassem as histórias contadas por Mariamar.

Quando os visitantes (caçador e escritor) chegaram, foi na *shitala* o almoço de recepção. Sendo "nesta sombra que habitualmente se reúnem os homens. As mulheres estão excluídas. Não ousam sequer passar perto daquele espaço coberto." (COUTO, 2012, p.110). O administrador Florindo Makwala preferia outro local para essa conversa, mas os tradicionais exigiram que fosse lá.

Mesmo não podendo fazer parte da cerimônia de boas-vindas, eram as mulheres que preparavam e cuidavam para que tudo fosse perfeito. Então "Uma grande refeição está sendo preparada em homenagem aos visitantes. Nós, mulheres, permaneceremos na penumbra. Lavamos, varremos, cozinhamos, mas nenhuma de nós se sentará à mesa. Eu e a mãe sabemos

o que temos que fazer, quase sem trocar palavra." (COUTO, 2012, p.82), elas participavam de toda confecção do banquete e do momento, mas só nas sombras, sem poder aparecer.

Tudo corria bem no almoço, até que uma intervenção feminina acaba por modificar de alguma forma os fatos. O trecho que segue, mesmo sendo longo, justifica-se pela importância dentro da obra e pelas diversas constatações que fazem surgir,

Inesperadamente, uma voz feminina se faz escutar, herética e imprevista:

- *A caçada deveria ser outra. Os inimigos de Kulumani estão aqui, estão nesta assembleia!*

A intervenção alarma todos os presentes. Surpresos, os homens encaram a intrusa. É Naftalinda, a esposa do administrador. E ela está desafiando as mais antigas das interdições: as mulheres não entram na *shitala*. E muito menos estão autorizadas a emitir opinião sobre assuntos desta gravidade. O administrador acorre a retificar o incidente:

- *Camarada primeira-dama, por favor, este é um encontro privado...*

- *Privado? Não vejo nada de privado, aqui. E não me olhem assim que não tenho medo. Sou como os leões que nos atacam: perdi o medo dos homens.*

- *Naftalinda, por favor, estamos reunidos aqui segundo a tradição antiga – solicita Makwala.*

- *Uma mulher foi violada e quase morta, nesta aldeia. E não foram os leões que o fizeram. Já não há lugar proibido para mim. (...)*

- *Você voltou a Kulumani, Arcanjo Baleiro? Pois dê caça a estes violadores de mulheres.*

- *Mamã, há que pedir a palavra – adverte Florindo Makwala.*

- *A palavra é minha, não preciso pedir a ninguém. Estou a falar consigo, Arcanjo Baleiro. Aponte a sua arma para outros alvos. (...)*

- *Fingem que estão preocupados com os leões que nos tiram a vida. Eu, como mulher, pergunto: mas que vida há ainda para nos tirar? (...)*

- *Sabe por que não deixam as mulheres falar? Porque elas já estão mortas.*  
(COUTO, 2012, p.114)

Essa passagem demonstra a força da personagem feminina Naftalinda, que rompe com a tradição que excluía as mulheres daquele espaço, e também com a que não permitia que falassem assuntos importantes, já que não há temas proibidos quando existem mulheres sendo violadas e mortas.

Ela não apenas transmite sua opinião como também acusa os presentes, falando que é a eles que o caçador deveria matar. Afirmando que, assim como os leões, perdeu o medo dos homens, fala das violações e que estas não são obras dos animais, por isso, os inimigos são os próprios homens das aldeias. Naftalinda afirma ainda o poder de sua palavra, que por ser dela, nenhum homem vai controlar.

Ela encerra tratando de um tema que é muito comum durante toda a obra: o fato de as mulheres já estarem mortas, mesmo antes dos ataques dos leões. Os animais não tirariam a vida de suas presas, pois essa já não mais lhes pertence. Há muito já perderam qualquer resquício de humanidade pela forma como são tratadas, subjugadas.

Barbara Isaacmam e June Steffan (1984, p.12), ao tratar da situação da mulher na sociedade tradicional, expõem que “as mulheres não tinham qualquer papel na elaboração das decisões políticas, inteiramente controladas pelos homens.”. Essa situação não se modificou com o colonialismo, e, mesmo depois da independência do país, dependendo do local, a voz feminina não é respeitada.

Principalmente no interior de Moçambique, as mulheres ainda são tratadas segundo a tradição, que as coloca numa posição de inferioridade. Não podendo falar, opinar, só lhes resta obedecer. O romance em análise representa bastante essa dificuldade que a mulher ainda encontra, já que todas as mulheres, em algum momento da narrativa, tiveram o veto da fala, não podendo expressar suas opiniões, desejos, sonhos. Mesmo quando conseguem fazer parte de alguma tomada de decisão ou expor o que desejam são de assuntos de menor importância.

Naftalinda, ao tentar subverter essa ideia, acaba por questionar todos os costumes de Kulumani. Não só entra em um local sagrado que não é permitido às mulheres, como fala sem ter permissão, trata de assuntos de extrema importância e ainda acusa o público masculino. Ela assume sua voz e luta por todas as mulheres.

Hanifa Assulua, mãe de Mariamar, é uma personagem que durante todo o romance reafirma que as mulheres não são consideradas pessoas, que já estão mortas. Ao conversar com seu marido, a mulher afirma que “- *Há muito que eu não vivo. Agora já deixei de ser pessoa. Meu pai olhou-a, desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava.*” (COUTO, 2012, p.20). Ou seja, se já estava morta em fruto de todo o sofrimento, agora deixava de ser pessoa. A narradora nos conta que depois da morte de suas filhas gêmeas (que morreram afogadas), sua mãe quase não falava, submissão e tristeza acabaram com a vida da mulher.

Hanifa explica essa condição para sua filha, que “Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas.” (COUTO, 2012, p.43), mostrando que são os homens que realizam essas mortes, pois agem como seus costumes mandam, colocando a mulher sempre em condição de inferioridade. Essa imagem de as mulheres estarem mortas, enterradas também se repete no romance de Paulina Chiziane, *Niketche, Uma história de poligamia*.

Ao ver um vulto de mulher na casa de Hanifa, Arcanjo pergunta:

- *Quem é?*
- *Não é ninguém.*
- *Mas eu vi, eu vi uma mulher a esconder-se.*
- *É o que lhe dizia: uma mulher, aqui, não é ninguém...* (COUTO, 2012, p.178)

Por vir da capital, Maputo, o caçador Arcanjo Baleiro estranha algumas atitudes que as mulheres são obrigadas a enfrentar. A mulher sabe que elas não são ninguém em sua aldeia, não tendo direito a ser feliz, a falar, a escolher seus parceiros, a viajar. Vivem sob o domínio de algum homem e não são consideradas pessoas.

Hanifa, em uma passagem da história, conta para a filha que a vizinha fazia amor com os mortos. A mulher não condena, pois "Apenas longe dos vivos, as mulheres de Kulumani encontram correspondidos amores: era isso que minha mãe me ensinava." (COUTO, 2012, p.45). Como as mulheres não podiam escolher seus parceiros e seus casamentos não eram baseados no amor, apenas com os mortos ou em sonhos que poderiam ser felizes, sentindo-se amadas e cuidadas.

Outro problema que as mulheres enfrentam e que é retratado implicitamente na obra é a falta do acesso à educação formal. Mariamar sabia escrever, e por isso "Em Kulumani, muitos de admiram da minha habilidade em escrever. Numa terra em que a maioria é analfabeta, causa estranheza que seja exatamente uma mulher que domina a escrita." (COUTO, 2012, p.87). A menina aprendeu o dom das palavras com o avô, que ia lhe ensinando as letras através de prêmios que trazia das caçadas (que deixava sempre com um papel com a letra escrita). E foi através da escrita que Mariamar se fortaleceu, "Num mundo de homens e caçadores, a palavra foi a minha primeira arma." (COUTO, 2012, p.89).

Interessante que na família dos caçadores, também era Martina, esposa de Henrique e mãe de Arcanjo e de Rolando, que sabia ler e escrever. Era ela que o marido procurava para ditar suas cartas de amor. Um dia Henrique Baleiro desconfia que Martina não escreva as palavras que ele dita. Faz, então, o filho Rolando ler e confirmar, pois sua desconfiança era gigante, e a palavra de sua esposa não servia. Nesse momento, com os olhos fixos no chão, o narrador diz que "Fixei o rosto da mãe e vi a tristeza, a tristeza de toda a humanidade." (COUTO, 2012, p.107).

A relação paterna também é marcada por conflitos que complicam a vida das mulheres. Em dado momento do romance, Arcanjo vai até a casa de Hanifa para falar com Genito, mas ela mostra seu marido bêbado e fala:

*– Às vezes peço a Deus que não acorde nunca mais – confessa. (...) Esse homem deu-me quatro filhas mas tirou-me todas elas.*

*- Disseram-me que a mais velha foi morta pelos leões.*

*- Foi Genito que a matou...*

Naquela fatídica madrugada, Silência estava escapando de Kulumani, fugindo do regime despótico de Genito Mpepe. (COUTO, 2012, p.177)

A opressão paterna era tão forte que suas filhas não aguentavam. Genito, além de acabar com a vida de sua mulher, prejudicou suas filhas, com os abusos sexuais, com a prisão que as submetia. Hanifa sente um ódio pelo esposo, porque considera que por sua culpa não conseguiu ser mãe. Por estar fugindo de casa e do pai que Silência foi morta pelos leões. Em outros momentos do romance, a mulher deixa clara sua intenção de matar o marido.

Quando Mariamar ficou sem os movimentos das pernas, seu pai fala que ela será um peso, porque estavam no meio da guerra e precisavam se esconder na floresta a cada noite. O avô responde a Genito: “- *Desde quando uma filha é um peso?* - inquiriu Adjiru.” (COUTO, 2012, p.120). Adjiru ensina que não importa o que aconteça com os filhos, eles nunca devem ser considerados como um problema.

Em uma noite, Mariamar tem um sonho que é bem significativo, como representação de seu desejo de liberdade. Sonhou que ela e suas irmãs eram galinhas presas, sob o domínio de Genito. Elas queriam voar, mas não podiam. Descobrem que em algumas capoeiras as galinhas estavam se transformando em abutres e assim alcançando a liberdade. Esperavam que o mesmo milagre acontecesse com elas, mas não ocorreu. A vontade de Mariamar em ser livre era tão grande que seus desejos se mostravam nos sonhos, usando a figura paterna como o carrasco que não deixa as filhas serem felizes.

Antes de ir para a caçada do leão junto com Arcanjo Baleiro, Genito passa no quarto da filha para se despedir,

Nunca antes o meu pai se tinha despedido. Saía de madrugada, ninguém dava conta que partia. Desta feita, porém, olhou-me com olhos vazios, tocou-me no pescoço como fazia quando eu era menina.

- *Não me toque!* - reagi com violência.

- *Vim só dizer adeus* - murmurou, submisso.

Espantei-me por merecer aquela despedida. Em Kulumani os pais não dão atenção às filhas, poucas vezes falam com elas e nunca lhes entregam carícia, muito menos em público. O carinho é tarefa da mãe. Por que motivo, então, Genito Mpepe me dedicava aquela súbita e inesperada atenção? Me ocorreu, então: o que ali se passava não era apenas uma despedida. Era um pedido de desculpa. Genito Mpepe sabia que não voltaria da expedição. Ele se apresentava ali a pedir perdão. Pedia absolvição por não ter sido nunca meu pai. (COUTO, 2012, p.162)

Ao saber que estava no final de sua vida, Genito sente necessidade de pedir perdão à filha por toda maldade que havia cometido, por nunca se comportar como seu pai. No início ela estranha o toque, porque não queria que as cenas de estupros de quando menina se repetissem, mas era apenas um adeus.

No trecho anterior a narradora conta que o carinho era tarefa da mãe, que o pai quase não demonstrava sua função. Em outro momento da narrativa, Mariamar conta que quando

pequena sua mãe cantava para ela e dava carinho, mas que “Aos poucos, porém, algo foi mudando em nossa casa. A exemplo do que fazem as leoas, eu fui sendo deixada à minha sorte. Hanifa Assulua me abandonou, sem culpa, sem palavra de conforto.” (COUTO, 2012, p.236), passando ainda por cima pelo abandono materno, a narradora começa a se imaginar como um bicho, uma leoa.

Mariammar afirma que desejava “uma inundação que varresse este mundo. Este mundo que obrigava uma mulher como Hanifa a ter filhos, mas que não a deixava ser mãe; que a obrigava a ter marido, mas não permitia que conhecesse o amor.” (COUTO, 2012, p.191), desejava com todas as forças acabar com todo o sofrimento feminino.

Numa espécie de sonho, mas que é real, seu avô Adjiru aparece para ela e diz: “*Talvez você, minha neta, acredite não ser pessoa. (...) Foi a vida que lhe roubou humanidade: tanto a trataram como um bicho que você se pensou um animal. Mas você é mulher, Mariamar.*” (COUTO, 2012, p.236). O avô mostra que por mais que se sinta animalizada, isso só acontece pela forma como historicamente as mulheres são tratadas, como se não fossem pessoas. E diz que a verdade é que ela é sim mulher e que não é infértil, “*Fui eu que inventei que você era uma mulher seca, infértil. Inventei essa falsidade para que nenhum homem de Kulumani se interessasse por si. Estaria assim solteira, disponível para sair e criar novas raízes longe daqui, livre para ter filhos com alguém que a tratasse como mulher.*” (COUTO, 2012, p.237). O homem inventou uma história para que ela tivesse a chance de ter uma nova vida e ser feliz. Ele sabia que se ela não fosse considerada infértil, seu destino ia ser igual ao de sua mãe e de todas as mulheres de Kulumani.

Mariammar acredita que ela é a leoa, que foi ela que matou todas as mulheres, “eliminarei todas as remanescentes mulheres que houver, até que neste mundo, restem apenas homens, um deserto de machos solitários. Sem mulheres, sem filhos, acabará assim a raça humana.” (COUTO, 2012, p.239). Ela desejaria acabar com o sofrimento de todas as mulheres do mundo, e segundo ela a morte seria o caminho. Também conclui que “nunca cheguei a matar ninguém. Todas essas mulheres já estavam mortas. Não falavam, não pensavam, não amavam, não sonhavam. De que valia viverem se não podiam ser felizes?” (COUTO, 2012, p.240).

Mariammar não era bem vista pela comunidade. Durante o tempo em que ficou sem o movimento das pernas, ela era carregada nas costas pelos meninos, mesmo quando seus seios começaram a crescer. Mas

Os seios, em Kulumani, são um sinal: pelo seu volume as mães sabem quando devem sujeitar as filhas aos ritos de iniciação. O que para mim era um jogo inocente, para a aldeia era uma afronta. As mulheres viam-me às costas dos rapazes e, apoquentadas, viravam a cara. É nessa posição, às cavalitas, que as madrinhas, as chamadas “mbwanas”, transportam para as cerimónias as meninas que vão transmutar em mulheres. Era isso que as mulheres não me perdoavam: eu antecipava e desarrumava um momento que se queria recatado e sagrado. (COUTO, 2012, p.124).

A brincadeira de menina em ser carregada era vista como uma afronta à tradição. Sua intenção não era agir como as madrinhas nos ritos de iniciação, mas a aldeia não aceitava isso.

Maria Henrique Cândido (2009), ao analisar o trabalho rural feminino em Moçambique, afirma que trabalho da mulher é considerado invisível, pois está relacionado à agricultura familiar e ao trabalho doméstico. Ou seja, “para as mulheres que trabalham (...), seu trabalho é considerado de “ajuda” ao marido. Primeiramente, pode-se dizer que o trabalho delas é invisível, não tem valor de trabalho; segundo, porque elas não detêm a posse legal da terra” (CÂNDIDO, 2009, p.100).

As mulheres são obrigadas a trabalhar durante todo o dia, cuidando das machambas (terreno agrícola), dos filhos, da casa, da alimentação. Realizam tarefas difíceis e pesadas, pois culturalmente a elas estavam destinadas tais ações. Hanifa Assulua é uma personagem que, ciente de tanto trabalho a que é submetida, consegue queixar-se, mas sempre realizando tudo.

Mariammar conta que "Todas as madrugadas a nossa mãe se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o barro, tudo isso ela fazia sozinha." (COUTO, 2012, p.22). Ou seja, não eram tarefas fáceis e os homens não as ajudavam, não importando o que acontecesse.

No enterro de Tandi, Naftalinda, mesmo muito abalada, fala com exaltação para todas as mulheres ali presentes: “Os leões cercando a aldeia e os homens continuam a mandar as mulheres vigiarem as machambas, continuam a mandar as filhas e as esposas coletar lenha e água de madrugada. Quando é que dizemos que não? Quando já não restar nenhuma de nós?” (COUTO, 2012, p.195). Ela questiona o fato de os homens não mudarem suas atitudes mesmo com o perigo e os ataques dos leões, sempre a mulheres. Ela espera revolta das outras, mas isso não ocorre.

Hanifa fala para a filha que elas nunca terão paz, quem sabe para os homens,

*- Porque nós, mulheres, todas as manhãs continuamos a despertar para uma antiga e infundável guerra.*

Hanifa Assulua não tinha dúvidas sobre a condição das mulheres de Kulumani. Acordávamos de madrugada como sonolentos soldados e atravessávamos o dia como se a Vida fosse nossa inimiga. Regressávamos de noite sem que nada nem ninguém nos confortasse das batalhas que enfrentávamos. Esse rosário de reclamações a mãe desfiou de um só fôlego, como se fosse algo que havia muito queria dizer. (...) Acusava-me. Como se eu fosse culpada não apenas da sua solidão como da infelicidade de todas as mulheres. (COUTO, 2012, p.135)

Hanifa consegue relatar todo o sofrimento que todas as mulheres passam, trabalhando muito e não tendo nenhum apoio, conforto, carinho.

Quando Mariamar perdeu o movimento das pernas, seu avô a levou para as Missões. Lá ela ficou dois anos estudando e voltou andar. O avô foi buscá-la e aconteceu o seguinte diálogo entre o mesmo e o padre:

- *Mariamar já anda, estou muito feliz. Mas eu pergunto: o senhor padre lhe ensinou a dar pontapés?*
  - *Pontapés? Então isso ensina-se a uma menina?*
  - *Exatamente, padre. Exatamente por ser menina é que ela deve aprender a dar murros, dentadas, pontapés ...*
  - *Essas não são palavras de um crente. Aqui ensinamos a amar o próximo.*
  - *De quem mais nos precisamos defender é dos que nos são mais próximos.*
- (COUTO, 2012, p.133)

O avô afirma para o padre a necessidade de as mulheres serem educadas para se defender também. O padre estranha, pois isso não seria comportamento de uma menina. Adjiru diz que amar o próximo deve ter um limite, porque normalmente os mais próximos são os que mais precisam se defender (pais, irmãos, parentes).

Muitas são as representações da mulher no romance *A Confissão da Leoa*, a maioria retrata uma vida sofrida, difícil. São poucos os momentos em que as mulheres conseguem atingir algum nível de felicidade, porque tradicionalmente isso seria proibido a elas.

## 5 CONCLUSÃO

A figura da mulher é essencial para todo autor. É difícil encontrar algum texto em que não ocorra a presença de alguma personagem feminina. A forma de representar a mulher acaba sendo a maneira como ela é vista e tratada social e historicamente.

Percebe-se que a condição feminina em Moçambique é preocupante, já que a mulher ainda é submetida a diversas práticas que a deixam em uma posição de inferioridade. Mesmo com a independência do país e com a modernização, sua submissão é defendida por muitos e justificada por uma tradição que sempre a deixou subjugada.

Mia Couto, em uma entrevista concedida a Jane Tutikian para a Revista "Conexão Letras", ao falar de *Jesusalém e A Confissão da Leoa*, relata que “para eu continuar essa busca dentro de mim daquilo o que são minhas identidades múltiplas, esse ser mulher é fundamental. Fundamental para eu olhar o mundo como se fosse uma coisa que ainda está a acontecer.” (COUTO, no prelo). Para encontrar suas identidades, e se encontrar como sujeito, essa temática é de grande importância ao autor.

O livro *A Confissão da Leoa* retrata acontecimentos ocorridos em 1992 (quando Mariamar e Arcanjo se conheceram) e depois em 2008 (quando ocorreram as mortes pelos leões). Nos dois momentos o que se percebe é o grande sofrimento que a mulher passa, sendo proibida de vários atos, tendo que obedecer a seu marido ou pai acima de tudo, fazendo trabalhos pesados.

Muitas das representações encontradas no romance (e expostas ao longo do terceiro capítulo) assemelham-se ao relatado como fruto da tradição seguida em Moçambique. Como a mulher não é vista como pessoa detentora dos mesmos direitos dos homens, os personagens masculinos (apenas representando o que ocorre no mundo real) fazem o que desejam com ela, não respeitando suas vontades, desejos, sentimentos.

São poucas as atitudes de contestação presentes no livro. A maioria delas pertencem à primeira-dama Naftalinda, que consegue não se calar e ir contra a cultura que acaba por matar muitas mulheres. É importante salientar que ela não pertence tão intrinsecamente à aldeia de Kulumani, ou seja, mesmo que esteja lá, é uma mulher que teve contato com novas realidades e luta por mudanças. Seu marido, o administrador Florindo Makwala, também possui ideias diferentes das tradicionais, respeitando sua esposa e as mulheres.

Hanifa Assulua é uma personagem forte. Através de sua fala conhecemos muitas dificuldades encontradas pelas mulheres. Ela relembra várias vezes à Mariamar o estatuto de

mortas pelos homens (assim como Naftalinda), o dia a dia sofrido com inúmeras atividades que são obrigadas a realizar, a tristeza a que estão condenadas. O final do livro é marcado por sua confissão, a confissão da leoa. Hanifa era um dos animais que atacavam na região. Motivo? Acabar com o sofrimento feminino, quem sabe.

Sua principal diferença de Naftalinda é que a mãe de Mariamar tem consciência, assim como a outra, de tudo que sofrem em virtude dos homens e dos costumes da aldeia, mas não consegue romper com eles. Faz tudo que seu marido Genito manda, mesmo não concordando, não ousa falar quando não lhe é permitido. Claro que sua condição de leoa e todos os atos por trás de tal mutação são uma forma de contestação, mas não na frente do sexo oposto.

Mariamar sofreu muito, assim como todas as mulheres, por sua condição. Foi violada pelo pai ainda quando criança, sofreu outras tentativas de abuso, não conseguiu fugir com seu amor (Arcanjo). Usava a escrita em seu diário como forma de contar e fugir de seus medos. Sua briga com o policial Maliqueto Proprio é significativa na medida em que não só defende seu corpo, mas também vai contra todos os costumes da aldeia que permitiam tal ato.

A narradora tem, ao final do romance, a oportunidade de sair de Kulumani para tentar ser feliz. Arcanjo Baleiro leva Mariamar para a capital para tratar de sua perda de fala. Após a morte do pai, ela tem a chance de buscar uma nova vida e tentar romper com o passado de sofrimento.

O caçador Arcanjo Baleiro é o personagem masculino que mais retrata as mulheres de uma maneira positiva. Através de seu grande amor por Luzilia, acaba, muitas vezes, por colocá-las na função de salvadoras, pois só elas teriam o poder de modificar a vida do homem. Ao relacionar-se com as mulheres de Kulumani e com tudo que as cerca, conclui que, assim como no início do mundo, está cercado de deusas.

O romance, ao retratar a realidade vivenciada pelas mulheres, não termina com uma mudança coletiva na forma de agir e pensar. Genito morre, dois leões são mortos, Hanifa confessa que era uma leoa, Mariamar parte com Arcanjo para a capital, o administrador denuncia os violadores de mulheres. Mais importante do que representar uma drástica transformação na aldeia, o autor chama a atenção para tópicos que são fundamentais perceber para que a mulher passe a ser respeitada como merece.

Uma epígrafe, já no final do livro, é significativa nesse assunto. Um provérbio africano diz “Quando as teias de aranha se juntam elas podem amarrar um leão.” (COUTO, 2012, p.231), então, fica o desejo de que, unindo-se, todas as mulheres possam vencer os leões que as aprisionam e matam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR, Benjamin. **Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa.** In: CONTE, Daniel; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). **Palavra Nação.** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras [da Universidade Federal do Rio Grande do Sul], 2012.

CÂNDIDO, Maria Henrique. **Dinâmicas sociais de gênero a partir da concessão do crédito pecuário a mulheres rurais do posto administrativo de Changalane em Maputo – Moçambique.** 2009. 203 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

COUTO, Mia. **A Confissão da Leoa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Estórias abensonhadas: contos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mia Couto: garimpeiro da terra, das gentes, das palavras.** Entrevista concedida a Jane Tutikian. Revista Conexão Letras. No prelo.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche - Uma história de poligamia.* Lisboa: Caminho, 2002.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.** Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. 2 v.

GARMES, Helder. **Percurso pela documentação histórica e literária dos países africanos de língua oficial portuguesa (séculos XV-XIX).** In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Orgs.). **África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

ISAACMAM, Barbara; STEFHAN, June. **A mulher moçambicana no processo de libertação.** Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1984.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.** Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPES, Armando Jorge. **Reflexões sobre a situação lingüística de Moçambique.** In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs.). **Marcas da diferença – as literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006.

MACHEL, Samora. **A libertação da Mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo.** In: MACHEL, Samora et al. **A libertação da mulher.** Global, 1982.

MARTINS, Aulus Mandagará. **As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em Luanda e Mayombe.** Revista Ipotesi, v.14, n.2, p.169-177, jul./dez. 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Eliminação da Mutilação genital feminina.** Declaração conjunta: OHCHR, ONUSIDA, PNUD, UNECA, UNESCO, UNFPA, ACNUR, UNICEF, UNIFEM, OMS. Genebra: Publicações da OMS, 2008. Disponível em: <http://www.who.int/eportuguese/publications/mutilacao.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher – Ação e produção de evidência.** Genebra: Publicações da OMS, 2012. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf). Acesso em: 18 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Prevenção, Genebra. 2002.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2013.** Disponível em: [www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013.pdf](http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013.pdf). Acesso em: 23 set. 2013.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher.** 2008. Disponível em: <http://www.hsph.harvard.edu/population/domesticviolence/mozambique.violence.08.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas – O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

ZIEGLER, Jean. **A vitória dos vencidos – Opressão e Resistência Cultural.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Duas viagens, um destino, Moçambique.** In: CONTE, Daniel; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). **Palavra Nação.** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras [da Universidade Federal do Rio Grande do Sul], 2012.